



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES (CFP)

ROSÂNGELA MENDES RIBEIRO CERQUEIRA

ECONOMIA SOLIDÁRIA NO MUNICÍPIO DE IRAQUARA: desafios e potencialidades de grupos de mulheres produtoras de derivados da mandioca.

Amargosa

2019

ROSÂNGELA MENDES RIBEIRO CERQUEIRA

ECONOMIA SOLIDÁRIA NO MUNICÍPIO DE IRAQUARA: desafios e potencialidades de grupos de mulheres produtoras de derivados da mandioca.

Monografia apresentada ao curso de licenciatura em Educação do Campo, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para obtenção de grau de Licenciada em Educação do Campo – Ciências Agrárias.

Orientador: Prof. Ms. Élcio Rizério Carmo

Amargosa

2019

ROSÂNGELA MENDES RIBEIRO CERQUEIRA

Monografia apresentada ao curso de licenciatura em Educação do Campo, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, em Amargosa, como um dos requisitos para obtenção de grau de Licenciada em Educação do Campo – área Ciências Agrárias.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Élcio Rizério Carmo
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

Prof. Dra. Priscila Gomes Dornelles
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

Prof. Ms. Maira Lopes dos Reis
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

Dedico este trabalho a

Deus, por ser sempre meu refúgio e fortaleza. Você que me ouvia quando ninguém mais dispunha de tempo.

Agnaldo Costa Ribeiro (*in memoriam* e na minha memória), meu pai, homem sábio.

Isabel, minha mãe, a mais forte das mulheres.

Deyson e Joanna, meus filhos, tudo por vocês e para vocês.

Vanderlei Cerqueira, meu companheiro de todas as horas, o mais compreensivo dos homens.

AGRADECIMENTOS

Agradecer primeiramente a Deus, que permitiu, após quinze anos longe das salas de aula, o retorno aos estudos.

Aos meus pais, Agnaldo Costa Ribeiro (*in memoriam*) e Isabel Rosa Mendes que, mesmo com as dificuldades em criar sete filhos somente com trabalho na pequena propriedade rural, sempre incentivou e jamais permitiu que seus filhos deixassem de estudar para trabalhar.

Aos meus irmãos, Ademilson, Roseny, Ademilde, Clélia, Clécia e Adeilson que nunca deixaram de acreditar em mim.

Aos meus sobrinhos e sobrinhas.

À diretoria do sindicato dos trabalhadores rurais agricultores(as) familiares de Iraquara que sempre me apoiou (Suede, Dina, Liliane, Nei, Silvana, Negão e Edivan) e, também, a funcionária Itamar.

A minha sogra Waldetina, que em minhas viagens sempre ficou com meus filhos.

Aos amigos que rezaram e torceram por mim, em especial, minha companheira, filha de coração, Edilúcia.

Aos meus amigos de todas as horas desde o início, Wellington e Sirlene.

Meus colegas de apartamento Fagner, Lourival e Rosângela e aos demais colegas do curso.

A todos os professores da Ledoc (Licenciatura em Educação do Campo) e funcionários do CFP (Centro de Formação de Professores) em Amargosa, que muitas vezes, com suas palavras de apoio, contribuiriam para que a distância de casa fosse menos dolorosa.

Não posso esquecer uma pessoa fundamental nesta jornada, meu orientador Élcio Rizério. Sou uma pessoa eternamente grata.

Aos estudantes de Iraquara que cursam Educação do Campo em Feira de Santana, pelos momentos formativos juntos, de maneira especial ao companheiro Jábisson que, apesar de suas numerosas tarefas, me doou um pouco do seu tempo para me ajudar na finalização do projeto. Suas dicas e observações foram essenciais.

Às mulheres empreendedoras das cozinhas de Boca da Mata, Quixaba e Canabrava, pois sem a contribuição delas este trabalho não seria possível, e demais atores sociais da pesquisa.

Agradeço a todos, porém meu agradecimento especial não poderia ser para ninguém mais do que três seres que, com certeza, foram quem mais necessitaram de mim durante as viagens e que me fizeram repensar nas várias vezes que pensei em desistir: Vanderlei, que além de esposo, foi amigo, companheiro, compreensivo e paciente em minhas ausências, sendo muitas vezes pai e mãe para que eu pudesse realizar este sonho.

Aos meus filhos Deyson e Joanna que apesar da pouca idade e da ausência da figura materna, em momentos importantes, sempre compreenderam minhas faltas.

"Então o camponês descobre que, tendo sido capaz de transformar a terra, ele é capaz também de transformar a cultura: renasce não mais como objeto dela, mas também como sujeito da história".

(Paulo Freire)

RESUMO

A economia solidária tem ganhando destaque tanto no âmbito nacional como mundial, porém precisa cada vez mais cultivar os valores da solidariedade, autogestão, ajuda aos menos favorecidos, emancipação social, emancipação financeira e ajuda mútua entre os seus membros. Apresentam-se como objeto de estudo, os grupos de mulheres da economia solidária das seguintes comunidades: Boca da Mata, Canabrava e Quixaba, todas localizada no município de Iraquara, Bahia. Como teoria buscou-se compreender a economia solidária e as questões de gênero. A hipótese levantada pelo estudo é que a produção de derivados da mandioca nestas comunidades em regime de economia solidária tem contribuído para emancipação financeira e valorização social das mulheres inseridas nos empreendimentos. Para confirmação, utilizou-se a seguinte questão: “a forma que a economia solidária vem sendo trabalhada nos grupos, tem contribuído para emancipação financeira e conseguido conter o estrangulamento da produção?”. Para confirmar ou não a hipótese levantada utilizou-se a coleta de dados, pesquisa bibliográfica, observação direta nos grupos, entrevistas semiestruturadas. Concluiu-se que os grupos têm aumentado a autoestima das mulheres e contribuído para melhor inserção na comunidade, levando-as a enxergarem novos horizontes possíveis além da economia Capitalista. Apesar dos valores adquiridos, precisa-se de valorização dos gestores públicos e políticas públicas que incentivem e fomentem estes espaços. Durante a pesquisa percebeu-se que a hipótese não pode ser confirmada, pois mesmo com várias mudanças sociopolíticas ocorridas na vida das mulheres, não há até o momento um retorno financeiro que assegure estabilidade e permanência nos empreendimentos, devido a vários gargalos encontrados durante o percurso de produção e comercialização.

Palavras-chave: Economia Solidária. Grupo de Mulheres. Mandioca.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANTEAG	Associação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Autogestão e Participação Acionária
CFP	Centro de Formação de Professores
CNDM	Conselho Nacional dos Direitos da Mulher
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
ES	Economia Solidária
FASE	Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional
FBE	Fórum Brasileiro de Economia Solidária
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBS	Instituto Brasil Solidário
LEDOC	Licenciatura em Educação do Campo
MTE	Ministério do Trabalho e Emprego
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PDV	Planos de Demissão Voluntária
PNAD	Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílio
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
POPM	Programa de Organização Produtiva das Mulheres
PSF	Programa Saúde da Família
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SENAES	Secretária Nacional de Economia Solidária
TSE	Tribunal Superior Eleitoral

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 CAPÍTULO I: ECONOMIA SOLIDÁRIA, QUESTÕES DE GÊNERO, MANDIOCA E SEUS DERIVADOS.....	12
2.1 Economia solidária: conceito, história e potencialidades	12
2.2 O trabalho da mulher na economia solidária.....	17
2.3 Mandioca e seus derivados.....	20
2.4 As mulheres e o cultivo da mandioca.....	21
2.5 A mulher e o espaço público.....	25
2.6 Economia solidária em Iraquara.....	29
3 CAPITULO II: METODOLOGIA, CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUD 30	
3.1 Metodologia	30
3.2 Caracterização da área de estudo	32
3.2.1 Quixaba	35
3.2.1.1 Casa de Biscoito Quixaba	36
3.2.2 Boca da Mata.....	37
3.2.1.2 Grupo de mulheres Boca da Mata.....	38
3.2.2 Canabrava.....	38
3.2.1.3 Associação de Agricultoras Familiares de Canabrava.....	39
4 CAPITULO III: RESULTADOS E ANÁLISES DE DADOS.....	40
4.3 Realidade dos grupos atualmente.....	43
4.3.1 Cozinha de Boca da Mata	43
4.3.2 Cozinha Quixaba.....	45
4.3.3 Cozinha de Canabrava.....	49
5 CONCLUSÃO.....	533
6 REFERÊNCIAS.....	55
ANEXO	59
7.1 Roteiro da Entrevista Semiestruturada	59

1 INTRODUÇÃO

O tema abordado neste trabalho é a economia solidária (ES), tendo como foco estudar três grupos de mulheres produtoras rurais no Município de Iraquara- BA, destacando a produção de derivados da mandioca e análise do potencial produtivo dos grupos e desafios, para tanto se buscou uma breve descrição e caracterização dos empreendimentos para compreender as formas de organização da produção através da economia solidária.

A economia solidária tem suas raízes associada com o surgimento utópico europeu. No início, em sua gênese foi formada, por pequenos produtores agrícolas e grupos operários, impelidos pela necessidade de se organizarem diante da precarização de suas condições de vida. (Singer, 2002). Seus princípios estão alicerçados na autogestão e cooperação entre os associados.

Este trabalho busca caracterizar e diagnosticar as formas de produção desenvolvidas pelas comunidades de Boca da Mata, Quixaba e Canabrava, localizadas no município de Iraquara-Ba, bem como possíveis dificuldades encontradas desde a produção até a comercialização dos produtos, além de abordar a importância da economia solidária na vida das mulheres e breve contextualização das mulheres no cultivo da mandioca.

O objetivo geral deste trabalho é caracterizar a produção de derivados de mandioca desenvolvida por mulheres das comunidades rurais de Canabrava, Boca da Mata e Quixaba no município de Iraquara, BA.

Como objetivos específicos apresentam: quantificar e qualificar a produção das mulheres camponesas das três comunidades; descrever como as mulheres produzem e comercializam a produção; identificar os desafios, gargalos ou pontos de estrangulamento das atividades produtivas desenvolvidas pelos grupos, como se desenvolve a economia solidária nestes grupos?

Apresentados os objetivos, tem-se como problemática deste trabalho: a forma como a economia solidária vem sendo trabalhada nos grupos, tem contribuído para emancipação financeira e conseguido conter o estrangulamento da produção?

A partir do contexto a hipótese principal deste estudo é que a produção de derivados da mandioca nestas comunidades em regime de economia solidária tem contribuído para emancipação financeira e valorização social das mulheres inseridas nos empreendimentos.

O tema economia solidária vem ganhando espaço ao longo dos anos, porém nas comunidades citadas nunca foi estudado merecendo uma investigação para que se busque chegar a uma melhor compreensão dos trabalhos desenvolvidos pelas mulheres.

O estudo ainda poderá dar visibilidade às atividades econômicas desenvolvidas pelas mulheres nestas comunidades, permitindo demonstrar o potencial produtivo dos grupos e contribuir para elaboração de futuras propostas de melhorias, o que poderá acontecer pela divulgação dos grupos através do trabalho, chegando ao conhecimento de novas pessoas e possíveis clientes e ou parceiros.

Dentro da temática da educação do campo a economia solidária aparece como processo educativo, por tanto a importância do tema proposto, por não se dissociar da formação proposta no PPP (Projeto Político Pedagógico) do Curso que visa uma formação integral e não dissociada dos meios de produção.

“Um projeto educacional que coloque os trabalhadores e trabalhadoras do campo, e suas famílias, em um movimento de construção de alternativas abrangentes de trabalho, de vida que rompam com a lógica de degradação humana da sociedade capitalista e que seja concretamente sustentável” (CALDART, 2010, p. 19).

A formação (desenvolvimento) integral do ser humano é algo que tanto a Educação do Campo, com a Economia Solidária trazem em sua essência. Enquanto a Educação do Campo luta por uma educação de qualidade para os camponeses (povos excluídos historicamente dos processos educativos tradicionais), a economia solidária nasce como forma de enfrentamento ao desemprego onde os trabalhadores excluídos do mercado de trabalho formal busca formas de gerar renda através de empreendimentos solidários e autogestionados e tem como centralidade a valorização do ser humano e do meio ambiente contrariando a lógica capitalista que visa apenas o lucro.

Na educação do Campo com ênfase em Ciências Agrária a economia solidária apresenta-se como um processo educativo muito forte, principalmente no estágio II momento em que os educandos ocupa espaços não escolares como cooperativas, sindicatos dentre outros espaços permeados dos valores dos princípios defendidos pela economia solidária.

2 CAPÍTULO I: ECONOMIA SOLIDÁRIA, QUESTÕES DE GÊNERO, MANDIOCA E SEUS DERIVADOS.

2.1 Economia solidária: conceito, história e potencialidades.

A economia solidária (ES) desponta como uma definição empírica pelos atores nela envolvidos, sendo associada a vários usos como: economia social, economia informal, terceiro setor, etc. Tema que vem ganhando destaque ao longo dos anos e, como todo novo termo, sempre é atribuído vários conceitos através de diversos autores e das muitas perspectivas que são estudados.

Para iniciarmos o discurso sobre a economia solidária, falaremos na ótica do economista e professor Paul Singer - austríaco naturalizado brasileiro que contribuiu nas pesquisas acerca da economia solidária, com uma visão mais voltada a forma de produção, consumo e distribuição de riqueza centrada na valorização do ser humano.

Para Singer (2003 *apud* COSTA, 2011, p.20) “a economia solidária constitui alternativa econômica e social de suplantação do modelo capitalista”. O autor considera que, num primeiro momento, essa aparece como híbrido entre o capitalismo e a pequena produção de mercadorias, mas que na realidade se constitui como síntese que supera ambos. Percebe-se que a economia solidária busca de maneira informal promover o sustento do grupo valorizando os saberes construídos na produção, na família, na convivência social, na cultura, no lazer e nos movimentos sociais, com uma racionalidade produtiva fortemente imbricada nas relações sociais de seus membros.

No livro *Introdução à Economia Solidária*, o termo é entendido como “uma alternativa superior ao capitalismo” capaz de proporcionar uma “vida melhor” às pessoas, desde que a economia se torne mais solidária ao avesso de competitiva. Singer traz algumas definições sobre economia solidária. No primeiro momento relaciona ao movimento cooperativista do século XIX, ora identificando a economia solidária como modo de produção socialista, ou utilizando-a como sinônimo de socialismo autogestionário.

O autor aponta duas especificidades neste tipo de empreendimentos, a saber: “(a) estimulam a solidariedade entre os membros mediante a prática da autogestão e (b) praticam a solidariedade para com a população trabalhadora, em geral, com ênfase na ajuda aos mais desfavorecidos” (SINGER, 2002, p.116).

Gabriela Cavalcanti Cunha conceitua a economia solidária como: “experiências de organização da atividade econômica segundo princípios solidários” a mesma ainda enfatiza a

importância da busca por igualdade entre os membros e a cooperação mútua “onde as pessoas se associam para produzir e reproduzir meios de vida com base em relações de reciprocidade e igualdade” (CUNHA, 2003 *apud* PANDELÓ, 2016, p. 59).

O SENAES (Secretária Nacional de Economia Solidária) em seu Atlas da Economia Solidária no Brasil conceitua a economia solidaria como,

forma de produção e distribuição de riqueza centrada na valorização do ser humano, e não no capital de base associativista e cooperativista, voltada para a produção, consumo e comercialização de bens e serviços, de modo autogerido, tendo como finalidade a reprodução ampliada da vida (MTE, 2006).

Para Laville (1994) a economia solidária “organiza-se a partir de fatores humanos, favorecendo as relações onde o laço social é valorizado através da reciprocidade, da autogestão, e adota formas comunitárias de propriedade”. (LAVILLE, 1994 *apud* LECHAT, 2010, p.47).

Essas colocações mostram que a economia solidária está relacionada a grupos que se organizam de forma democrática, buscando equidade e igualdade nas distribuições de tarefas e dos resultados (lucros).

As primeiras ideias pautadas na economia solidária surgem no início do século XIX na Europa, com maior visibilidade na Inglaterra e França, vindas à tona depois do capitalismo industrial, com o aumento e difusão das máquinas durante a Revolução Industrial, o que levou muitos artesãos ao desemprego. Vários foram os pensadores que influenciaram como Claude Saint-Simon que defendia a ideia de um estado industrializado na busca do bem estar dos trabalhadores e redistribuição de riqueza. Charles Fourier pensava a economia solidária a partir de uma sociedade distribuída em fazendas coletivas onde a divisão da riqueza acontecesse de acordo o trabalho desenvolvido por cada indivíduo, dentre outros.

A primeira cooperativa que se tem registro foi a cooperativa de consumo dos Pioneiros Equitativos de Rochdale (Inglaterra), fundada em 1844, que estabeleceu alguns princípios que são utilizados até hoje a nível mundial no setor cooperativista. ABDL (2004) resume tais princípios da seguinte forma:

Em resumo estes princípios eram os seguintes -. 1º A Sociedade seria governada democraticamente, cada sócio dispondo de um voto; 2º A Sociedade seria aberta a quem dela quisesse participar, desde que integrasse uma quota de capital mínima e igual para todos; 3º Qualquer dinheiro a mais investido na cooperativa seria remunerado por uma taxa de juro, mas não daria ao seu possuidor qualquer direito adicional de cisão; 4º Tudo o que sobrasse da receita deduzidas todas as despesas, inclusive juros, seria distribuída entre os sócios em proporção às compras que fizessem da

cooperativa; 5º Todas as vendas seriam à vista; 6º Os produtos vendidos seriam sempre puros e de boa qualidade; 7º A Sociedade deveria promover a educação dos sócios nos princípios do cooperativismo; e 8º A Sociedade seria neutra política e religiosamente (ABDL, 2004 apud MUNARIM, 2007, p.13).

Apesar de todos os princípios, vários empreendimentos não se sustentaram por muitos anos devido à falta de incentivos, principalmente pelo governo, em alguns casos e, até mesmo, a proibição de empreendimentos autogestionados. Corroborando com esta ideia Singer (2002) afirma que nas décadas de 1930 e 1940 devido à crise econômica que se instalou a partir da hostilidade do estado, a regulação do trabalho impulsionou novas iniciativas no campo socioeconômico, porém sob o controle do estado.

Durante o percurso histórico da economia solidária, as mulheres tiveram papel decisivo. Para Guérin (2005) durante a Pós Guerra até 1970, houve várias ações, tanto da classe operária como da sociedade civil como um todo. Nesse momento, as mulheres tiveram papel importante, mais especificamente na França, onde desenvolveram várias iniciativas coletivas de trabalho na busca do bem estar dos menos favorecidos com ações voltadas para os cuidados com a higiene, saúde e educação.

No campo não foi muito diferente, mesmo que a questão de gênero neste espaço tende a ser mais acentuada do que nos centros urbanos, estudos mostram que a mulher camponesa tende a desenvolver tarefas árduas de valor ímpar na reprodução, mesmo que ao longo dos anos tais tarefas não tenham sido devidamente valorizadas, principalmente no que tange à esfera econômica, ficando na invisibilidade social, em grande parte, porque os vários pesquisadores da área preferem somente constatar tais fatos deixando que estes se tornem invisíveis socialmente. Pesquisas atuais tentam valorizar mais os modos de vida, histórias, trajetórias e culturas trazendo à tona tais questionamentos e as associações, cooperativas e grupos de mulheres nas áreas rurais tem sido um das armas potenciais que as mulheres encontraram para lutar contra as desigualdades impostas pela sociedade vigente.

Na economia solidária são diversos os grupos que se estruturaram no campo no esforço por garantir melhorias econômicas e de reconhecimento social, buscando romper com o poder de dominação masculina pautado em um sistema capitalista patriarcal de dominação, que por vezes se afloram mais na área rural, por ser um local de muitas tradições e conservadorismo.

As iniciativas de cunho coletivo vêm sendo uma alternativa para o desenvolvimento de localidades, tanto na área urbana quanto na rural, onde trabalhadores, na busca de emancipação social, política e financeira, vêm participando cada vez mais de iniciativas

populares voltadas ao cooperativismo e economia solidária, isto devido à falência de várias empresas que levaram vários trabalhadores ao desemprego. ARROYO e SCHUCH (2006) argumentam:

(...) muitos segmentos das classes trabalhadoras assalariadas perderam seus empregos formais ou foram fortemente estimulados por intermédio de Planos de Demissão Voluntária (PDVS) - utilizados por várias estatais que alegavam necessidade de se adequarem às exigências de mercado, inclusive para entrarem em processo de privatização – a incluir seus próprios negócios, individualmente ou em cooperativas e associações (ARROYO e SCHUCH, 2006, p.34).

Percebe-se que tais demissões e enfraquecimento da economia impulsionaram os trabalhadores a se organizarem coletivamente. Singer (2002) enfatiza que a crise econômica que atingiu o país entre 1981 e 1983 e a crise dos anos 1990, após a abertura dos mercados, no governo Collor, resultaram na falência e fechamento de muitas fábricas, deixando muitos desempregados, os quais passaram a buscar novas alternativas de renda, aparecendo assim o cooperativismo baseado na economia solidária como estratégia de defesa dos trabalhadores em enfrentamento da economia neoliberal que destruiu várias oportunidades de emprego. Assim surge a economia solidária como forma de luta da classe trabalhadora.

Desde 1981, a ES vem ganhando força e apoio. Vários acontecimentos de muitas iniciativas, a começar por um movimento social surgido em 1994, denominado ANTEAG (Associação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Autogestão e Participação Acionária), que prestava assessoria técnica às empresas autogestionadas e a recuperação de empresas falidas, passando a ser administradas pelos trabalhadores, destacando ainda neste percurso a CÁRITAS¹, entidade ligada à igreja católica e à FASE (Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional), ambas atuando nas comunidades prestando serviços específicos relacionados à economia solidária e as universidades apareceram com propostas de trabalhos de pesquisa e extensão com incubadoras sociais de empreendimentos solidários. Em 2002 durante o governo Luís Inácio e com a participação das várias instituições espalhadas por todo Brasil, constituiu-se o Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES) que, a partir dessa organização, contribuiu na proposta de criação da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), dentro do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) para ser

¹ A Cáritas Brasileira foi criada em 12 de novembro de 1956, na 3ª assembleia da Confederação Nacional dos Bispos Brasileiros (CNBB), realizada em Serra Negra – SP, sob a presidência do clérigo Dom Hélder Câmara, à época bispo auxiliar do Rio de Janeiro. Inicialmente, o objetivo era fazer uma articulação nacional de todas as “obras sociais” católicas e coordenar o Programa de Alimentos doados pelo governo dos Estados Unidos da América – EUA. (FORTE; GONCALVES 2013). (Periódico online).

uma intermediária e propositora de alternativas de economia solidária, em particular, na perspectiva de direcionamento da ação do Estado.

Tais organizações surgem na busca por suprir as lacunas deixadas pela economia capitalista, o que (SERVA 1993 *apud* HERK, 2011, p.89) intitula de "fenômeno da multiplicação das organizações substantivas". Por ter surgido em um híbrido de sociedade civil, mas com alguns controles do estado através de algumas entidades como igreja católica acabando por conferir a estas instituições um caráter coletivo com grande enfoque na função social.

A economia solidária emerge como oposição às formas de gestão existentes no capitalismo centralizadas na mão de um ou poucos líderes e se ancora nas bases de gestão socialista, propondo que todos os trabalhadores deverão participar em todos os setores da empresa, tendo conhecimento de causa em todas as áreas, corroborando com tal pensamento Singer afirma que "o socialismo pressupõe o controle operário da produção, a ideia central é que a divisão do trabalho terá de deixar de ser hierárquica, permitindo a todos a participação, em igualdade de condições, no trabalho produtivo e nos centros de tomada de decisões" (SINGER, 1999, p. 188-189).

Como toda nova forma de economia proposta, a economia solidária enfrentou e enfrenta vários desafios, mas apresenta suas vantagens. Em seu início demonstrou como grande alternativa para suprir às necessidades dos inúmeros trabalhadores desempregados, de maneira especial as mulheres que possuíam menores qualificações para o mercado de trabalho, contribuindo no enfrentamento contra as grandes jornadas de trabalho, o trabalho infantil, dentre outros abusos sofrido pelos trabalhadores. A economia solidária aparece como forma de enfrentamento a esses excessos praticado pelos donos de produção através da exploração e ganhando destaque em vários cantos do mundo.

A ES versa sobre valores contrários a economia capitalista apresentando um potencial transformador das classes operárias nas esferas política, social e econômica. Um dado que chama a atenção ao se estudar a composição dos grupos articulados em torno da economia solidária tem sido a expressiva participação das mulheres. O Atlas Nacional da Economia Solidária, divulgado pela SENAES em 2007, revelou que, dos 14.954 empreendimentos mapeados, os homens representam 64% e as mulheres 36%.

Os grupos com menores números de integrantes tendem a funcionar na informalidade; acessam poucos recursos, na maioria das vezes do próprio grupo ou de fundos assistenciais de igrejas ou organizações menos restritivas quanto a critérios de viabilidade do investimento e

até mesmo ao monitoramento da aplicação. Em boa parte dos casos, as atividades que desenvolvem funcionam como complemento à renda obtida com outras atividades ou por outros membros das famílias. As chances de enfrentar as consequências da informatização ficam mais distantes para as mulheres. Se levarmos em consideração o fato de que, de acordo com a legislação brasileira, um grupo para constituir-se como cooperativa – cuja forma jurídica poderia permitir, por exemplo, o acesso a recursos públicos – precisa contar com pelo menos vinte membros, constatamos que, de entrada, boa parte das mulheres já estariam fora dessa possibilidade, fato este que pode vir a se constituir num agravante da situação de precarização já experimentada por aquelas que vivem na informalidade.

No meio rural, nos últimos anos, um dos grupos que vêm ganhando força, são os grupos voltado à economia solidária, principalmente a partir da instituição de políticas públicas específicas às suas demandas, onde podemos destacar o Pronaf (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar), criado em 1996 que se ramifica em algumas categorias como: Pronaf mulher; Pronaf Jovem e Pronaf B, Programa de Organização Produtiva das Mulheres (POPMR), instituído em 2008, que visa contribuir na organização e inserção das mulheres rurais no meio econômico. Para Butto e Dantas (2011),

Organizar as mulheres rurais para fazer a produção, gestão e a comercialização de maneira autônoma é um desafio permanente daqueles que pretendem reduzir as desigualdades de gênero. O governo federal, em particular o ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA), a partir das suas atribuições, persegue este desafio com a instituição de políticas públicas para as mulheres, sempre em diálogo estreito com as protagonistas desta mudança, as trabalhadoras rurais [...] as ações abrangem a identificação e a caracterização de grupos produtivos de mulheres, a formação, a capacitação, a promoção de espaço de comercialização específico para maior visibilidade de sua presença econômica e a articulação local para viabilizar o acesso das mulheres das políticas públicas. (BUTTO e DANTAS, 2011, p. 7).

Tais programas devem contribuir para dar visibilidade aos produtos fabricados pelos grupos de mulheres, proporcionando ambiente que facilite a comercialização, com políticas públicas acessíveis que respeite as especificidades dos atores envolvidos (trabalhadoras rurais) no processo de fabricação e comercialização, promovendo espaços de favorecimento a tal visibilidade.

2.2 O trabalho da mulher na economia solidária

A visão criada histórica e social busca afirmar que , o trabalho solidário está na essência feminina, algo percebido na origem dos trabalhos geralmente associados ao sexo feminino como professora, assistente social que em sua origem está diretamente arraigada com os afazeres domésticos, considerados, muitas vezes, como extensão do trabalho doméstico de incumbência das mulheres. Porém as mesmas tem se mostrado capazes de ocuparem outros espaços, construindo resistência de enfrentamento, através da composição de espaços e grupos que fortalecem a economia solidária, se mostrando possuidoras de habilidades atribuídas socialmente como próprias dos homens, como gestoras de empreendimentos e provedoras dos lares.

Antes da Revolução Industrial as mulheres trabalhavam tanto nos afazeres domésticos quanto em fábricas e outros trabalhos, a absorção do trabalho feminino pelas indústrias, durante a Revolução industrial como mão-de-obra barata, inseriu definitivamente a mulher na dinâmica produtiva, o que levou a serem consideradas, pela sociedade, como responsáveis por ameaçar a estrutura familiar, os homens substituídos nas fabricas pelas mulheres acusavam-nas de roubarem seus postos de trabalho .

No processo da Revolução Industrial algo muito presente foram as lutas entre homens e mulheres, dando origem assim a batalha das mulheres por melhores condições de trabalho. Porém com a incorporação nos trabalhos nas fábricas, passam a terem dupla jornada, sendo obrigadas a reivindicarem escolas, creches e direito a maternidade. No século XIX, foi momento propício para o crescimento das cooperativas de consumo de alimentos administradas por mulheres.

Mesmo diante das várias conquistas o movimento feminista durante o percurso histórico tem deixado uma lacuna, por não considerarem a pluralidade ao se falar no universo feminino e segundo por ser uma história sempre contada sobre a ótica europeia, o que leva a uma invisibilidade das mulheres negras e latinas.

Ao estudar a economia solidária, percebe-se a participação bastante expressiva das mulheres, dados divulgados pelo SENAES em 2007 afirmam que os grupos constituídos apenas por mulheres ocupam um percentual de 16% do total, enquanto os empreendimentos constituídos somente por homens chegam a 11% e os constituídos por homens e mulheres representam 73% do total. Embora os grupos constituídos apenas por mulheres ocupem um percentual maior que os unicamente por homens, estes primeiros tendem a permanecerem na informalidade, uma vez que são formados, em sua grande maioria, entre dez a quinze integrantes, dificultando o acesso a programas de crédito, isso permite uma tendência de

permanência na informalidade, já que enfrentam dificuldades para acessarem programas de governo devido à limitada quantidade de membros.

A invisibilidade da mulher na economia solidária acontece, também, por existir, ainda, uma cultura machista impregnada na sociedade que enxerga o trabalho da mulher apenas como uma extensão dos afazeres domésticos ou ainda como ajuda ao companheiro, a invisibilidade da mulher nos espaços públicos, acontece ainda através do atravessamento do gênero que organiza as relações que são sociais. Sendo o trabalho feminino desvalorizado desde o surgimento da economia solidária, mais precisamente antes da Revolução Industrial como nos recorda Scott 1991 “as mulheres já trabalhavam muito antes da Revolução Industrial, como criadas domésticas, empregadas na agricultura, costureiras, chapeleiras, fiandeiras, entre outras profissões”. (SCOTT, 1991). Portanto, a exploração da mão de obra feminina vem sendo exercida há anos, embora a sociedade capitalista vigente prefira mascará-la, a autora ainda argumenta que havia, na verdade, um grande investimento na construção discursiva de uma divisão sexual do trabalho voltada para a justificação da exploração da mão de obra das mulheres.

Mesmo como uma proposta de economia que protestava contra o modelo capitalista de produção vigente, vários empreendimentos também reproduzia a divisão sexual do trabalho, uma vez que, dentro destes novos empreendimentos, existiam regras que protegiam os trabalhos domésticos das mulheres, o que as impossibilitavam de trabalharem nas fabricas, pois teriam que desenvolver primeiro o trabalho de dona de casa. A partir de alguns estudos compreendem que as mulheres começaram a ganhar força e representatividade no final do século XIX, com a organização e o crescimento das cooperativas de consumo de alimentos, desde então vem sendo travada uma luta a cada dia para que esta representatividade feminina de fato seja reconhecida.

Vários são os fatos que permitem compreender o porquê da invisibilidade da participação da mulher na economia solidária, Costa (2011) explica:

Não é difícil entender as razões pela qual se procede ao ocultamento das mulheres como sujeitos da história da economia solidária, posto que por muito tempo estas foram invisibilizadas pelo relato histórico como seres sem história, como observa Perrot (1995). A autora observa que a história das mulheres constitui um empreendimento relativamente novo, revelador de uma profunda transformação: as mulheres como detentoras de uma história, instituídas como agentes históricos, cuja historicidade está relacionada às ações cotidianas e às relações entre os sexos. Trata-se, ainda, de um evento que se traduz numa crítica à própria estrutura de um relato apresentado como universal, não somente para explicitar os vazios e os elos ausentes, mas para sugerir que outra leitura da história é possível (COSTA, 2011, p.22).

A invisibilidade da mulher na História está diretamente ligada à forma como vem sendo contada ao longo dos anos e da condição inferiorizada que é conferida ao sexo feminino, durante anos os trabalhos produzidos somente se preocupava em descrever a opressão feminina, sem dar significado e associar tais questões como algo importante para compreender melhor a sociedade. Porém tem surgido alguns grupos feministas que através dos estudos de gênero tem buscado ganhar espaços através de trabalhos acadêmicos. “Dentre essas diferentes perspectivas, surge o conceito de gênero, referindo-se à construção social e histórica dos sexos, ou seja, buscando acentuar o caráter social das distinções baseadas no sexo”(LOURO,1995.p.103) . As tarefas atribuídas aos sexos não se ancoram apenas no fator biológico, mais há uma construção histórica construída socialmente para legitimar algo imposto pela sociedade.

Uma compreensão mais ampla de gênero exige que pensemos não somente que os sujeitos se fazem homem e mulher num processo continuado, dinâmico (portanto não dado e acabado no momento do nascimento, mas sim construído através de práticas sociais masculinizantes e feminizantes, em consonância com as diversas concepções de cada sociedade) (LOURO,1995.p.103)

A forma que foi pregado pela sociedade durante anos é que à mulher caberia os trabalhos de menor valor público, conseqüentemente menos valorizado e de menor visibilidade, contribuindo assim para a invisibilidade da mulher nos espaços públicos e em estudos históricos. Na história da Economia Solidária não tem sido diferente, em especial em empreendimentos formadas por mulheres que muitas vezes empenham em manter e gerar renda, mais devido sua invisibilidade garantem apenas o funcionamento do próprio grupo. Quando esses grupos conseguem crescerem através de créditos, doações tendem a se masculinizar.

2.3 Mandioca e seus derivados

A mandioca é uma importante fonte de renda para pequenos produtores. Vários países, não sendo diferente no Brasil, onde têm contribuído de maneira significativa para o sustento de vários grupos familiares, alguns órgãos do governo têm se interessado cada vez mais em investir em pesquisas deste cultivar. A Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) é um exemplo dessas entidades que têm investido incansavelmente em

pesquisas na busca por melhoramento de algumas espécies, tendo lançado muitos artigos, textos e livros. Em uma edição intitulada “o produtor pergunta, a Embrapa responde” lançada em 2006, traz informações sobre a classificação botânica, as formas de manejos adequados e aspectos socioeconômicos.

As publicações sobre a mandioca, no que se refere a Embrapa, são fundamentais na busca por melhoria no manejo e na produtividade, porém estão mais voltadas para o cunho comercial, ao contrário das publicações acadêmicas que buscam valorizar as formas de manejos artesanais e a gestão familiar do empreendimento, um modelo baseado na economia solidária. No entanto, com a industrialização, os processos manuais têm dado lugar às máquinas, pelo menos em alguns setores, de produção, como a moagem e torra. Os principais derivados da mandioca no Brasil, obtido através do processamento da raiz são a farinha e o polvilho, também conhecido como goma e tapioca. Além dos derivados “primários” da mandioca acima citados há vários produtos fabricados a partir destes, destaca-se: biscoitos e beijus de polvilho, beijus de massa, bolos etc., que vem ajudando muitos agricultores a incrementarem suas rendas.

Pequenos grupos que trabalham com derivados da mandioca vêm buscando cada vez mais ganhar o mercado local, nacional e internacional. A realidade dos grupos, foco desta pesquisa, não foge à regra, uma vez que, apesar de pequenos, buscam se firmarem no mercado local, mas com pretensão de crescimento e na busca por novos mercados.

2.4 As mulheres e o cultivo da mandioca

O beneficiamento da mandioca já começou a ser trabalhado no Brasil pelos povos originários. Os povos indígenas que transformavam aquelas espécies impróprias para o consumo humano em alimentos, a partir de técnicas para transformar espécies de mandioca tóxicas para o consumo humano, em mantimentos que hoje são consumidos em diversos continentes, em forma de farinha e derivados. As agroindústrias que beneficiam a mandioca são peças importantes no desenvolvimento do país, onde são gerados vários empregos, tanto nas casas de farinha, lugar onde se beneficia a mandioca, quanto na lida com a lavoura onde são empregados produtores, familiares e demais agentes envolvidos, movimentando a economia local. As casas de farinha se caracterizam por manter uma mão de obra familiar estruturada de forma tradicional, ou em grupos constituídos principalmente de mulheres, tal

estrutura pode se tornar obstáculo na busca por melhor desenvolvimento, pois não está de acordo aos padrões de higiene e característica impostos pelos órgãos reguladores que exigem, muitas vezes, equipamentos modernos e gestão especializada.

Com o passar dos anos, as exigências do mercado para com os produtores de mandioca foram se modificando. Porém, houve um aumento nas oportunidades para as atividades agrícolas que estão cada vez mais amplas. O mundo global exige modernização, adaptação e melhoria contínua.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), “mais de 80 países produzem mandioca, sendo que o Brasil participa com mais de 15% da produção mundial, com 26,1 milhões de toneladas de raízes perdendo apenas para Nigéria que produz: 39,0 milhões de toneladas” (FAO e IBGE, 2010 *apud* HERMOGENES, 2014).

A Bahia é um dos maiores beneficiadores da mandioca no Brasil, porém ainda trabalha com produtos de baixo valor agregado e contribui com cerca de 16% do valor bruto da produção agrícola, situando-se como a primeira cultura de importância econômica no estado. Assim, percebe-se a “excelente oportunidade de intervenção no agronegócio e busca se a especialização de produtos para a alimentação humana que ainda se encontra em níveis primários”. (SEABRAE, 2003, p.69)

No Brasil, a participação das mulheres no cultivo da mandioca é expressiva, onde registros demonstram que esta participação vai desde o plantio até o beneficiamento e, em muitos casos, até na preparação do terreno para plantio. É importante ressaltar que em alguns países, principalmente na África, o cultivo da mandioca é considerado uma tarefa essencialmente feminina.

Embora no Brasil talvez não tenha tanta expressividade, como é na África, a participação feminina no cultivo da mandioca tem grande significado, mesmo que não seja dada a devida relevância, onde existe uma cautela na apresentação de dados estatísticos devido a um viés ideológico que confere à mulher o lugar de dona de casa atrelada ao trabalho reprodutivo. Desconsiderando as tarefas desenvolvidas na produção familiar. Documentos históricos também são importantes fontes que demonstram a importância da mulher em cultivos alimentares em particular a mandioca.

Além das mulheres participarem do beneficiamento da mandioca através da estrutura familiar tradicional, muitas vezes organizam-se em grupos onde membros de várias famílias se agrupam em associações, grupos informais ou cooperativas para criarem mecanismos que potencializem os trabalhos desde a colheita até a comercialização.

De acordo com estatísticas as trabalhadoras rurais possuem um contingente em média superior a 50% da força de trabalho total (SENA, 2003). São muitas as mulheres que mesmo sem a autonomia sobre o uso da terra, com pouco ou nenhum acesso a crédito e sem assessoria técnica específica, realizam a produção familiar, que geram renda e têm um importante papel na preservação da agrobiodiversidade.

Estas mulheres, em sua maioria, trabalham em regime de cooperativismo rural que vem se constituindo como uma forma de agregar valores aos produtos e abrir portas para produtoras (es) organizados terem possibilidades de negociar valores, atender demandas e construir alternativas de consolidação da sua participação no meio social, podendo modificar o ambiente em que vive e a agricultura familiar brasileira que é destacado pelo Censo Agropecuário (2006) como

“uma forte atividade econômica, responsável por gerar uma grande produção de alimentos saudáveis, produzidos em pequenas áreas, por pequenos agricultores familiares, donos da própria terra e com mão de obra familiar”, teve um grande impacto no setor primário da economia brasileira, levando alimentos à mesa dos brasileiros de forma bem significativa (IBGE, 2006 apud ROMÁRIO MOREIRA DE LIMA, 2010, p.08).

Dentre as atividades econômicas mencionadas pelo censo, a grande maioria da mão de obra provém das mulheres, podendo destacar aqui o trabalho nas agroindústrias de mandioca que vem ganhando destaque na economia nacional, principalmente pelo vários destinos que são dados a matéria prima, na busca por agregação de valores, conforme Peduzzi (2009) destaca,

Antes mesmo de ser usada como matéria-prima para a produção de biocombustível a mandioca já é uma das culturas que mais empregam no Brasil. É o que afirma o vice-presidente da Associação Brasileira dos Produtores de Amido de Mandioca (ABAM), Antônio Donizetti Fadel. “Atualmente a produção de mandioca é responsável por gerar, direta e indiretamente, cerca de 10 milhões de empregos. A maior parte – cerca de 50% – trabalha com a produção de farinha”, argumenta Fadel. “É, sem dúvida, um tipo de cultura que tende a fixar o homem no campo”, completa. A produção de mandioca no Brasil é de cerca de 26 milhões de toneladas por ano, segundo a ABAM. Quase a metade vira farinha, 40% é usado para consumo de mesa e ração animal, e 9,5% transformada em amido, principalmente na Região Sul. “Apesar de o Brasil ainda não produzir nada de biocombustível, nós já dominamos as técnicas necessárias para começar esse tipo de atividade. O que precisamos é avançar com as pesquisas que buscam aumentar a produtividade, de forma a termos melhores condições de competitividade”, defende o dirigente da Abam (PEDUZZI, 2009).

São vários os setores industriais que utilizam a mandioca como matéria prima na fabricação de papelão, álcool, farinha, fécula e a parte aérea (folhas) utilizada para fabricação

de ração animal e alimentação humana. Essa atividade agrícola vem se mostrando ser viável economicamente, e isto contribui para a permanência da mulher e do homem no campo, pois, se as famílias envolvidas conseguem garantir sua sobrevivência não precisa alguns membros se deslocarem para os grandes centros em busca de emprego. Contribuindo com tal pensamento Singer discorre: “os pobres raramente podem dar-se ao luxo de ficar “desempregados” [...] se não conseguem ganhar a vida na linha de atividade a que vinham se dedicando, tratam de mudar de atividade ou de região, caso contrário, correm o risco de morrer de fome” (SINGER, 2003, p.31).

A migração de jovens, mulheres e homens para cidade, na grande maioria, é dolorosa, pois a busca por emprego se torna uma tarefa difícil, uma vez que, despreparado para maioria dos empregos ofertados nas grandes metrópoles acaba por se submeter em subempregos com cargas horárias exaustivas e salários ínfimos como trabalhos domésticos ou demais, que não exigiam especialização na área engrossando assim as estatísticas das populações das favelas, pois, por não poderem pagar uma moradia digna vão para barracos ou para ruas.

Na luta por uma vida digna no campo, o cultivo da mandioca tem apresentado grande potencial, com a presença de vários subprodutos, tanto os beneficiados como *in natura* que podem ser vendidos e incrementar a renda da agricultora contribuindo em sua permanência no campo e na emancipação mesmo que parcialmente pois uma grande maioria o valor adquirido é gestado ou entregue a um membro familiar de sexo masculino, e um empoderamento efetivo de compreensão das relações de gênero permitiria um manejo financeiro realmente emancipador, mesmo que esse comércio sem intermediários, além de apresentar viabilidade econômica aos seus participantes, atende a boa parte da produção por ser um produto que gera diversos derivados podendo ser vendido em vários ambientes.

As organizações de mulheres em torno da produção dos derivados da mandioca são mais formas de lutas por emancipação financeira e reconhecimento social diante uma sociedade patriarcalista, machista que invisibiliza o trabalho das mulheres em diversas áreas onde a divisão dos trabalhos está diretamente ligada às relações sociais de gênero, em que às mulheres, cabem o trabalho reprodutivo (doméstico) e ao homem o trabalho produtivo (social), este segundo mais valorizado, mostrando que apesar da exaustiva jornada de trabalho e um melhor rendimento da mulher, há um gigantesco abismo em relação à questão de gênero.

Um estudo divulgado em 2009, baseado nas Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílio (Pnade) e em dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostra que, embora a diferença entre a renda das mulheres e a dos homens no campo tenha se reduzido a partir de 2004, a desigualdade entre os gêneros permanece no que se refere ao valor do

rendimento, à jornada de trabalho, entre outros fatores (PNADE e IBGE 2009 *apud* PACHECO, 2009, p.5).

Mesmo tendo uma jornada de trabalho imensamente maior, na maioria das vezes, as mulheres recebem salários menores que os homens, reforçando a lenda de fragilidade física que versa a inferioridade de rendimento menor que o dos homens, mesmo que em muitos casos, o que se percebe é o contrário, no qual a mulher além de cumprir com afazeres domésticos ainda apresenta maior rendimento na lida do campo, porém as tarefas masculinas são sobrepostas historicamente às femininas, cabendo a elas apenas as tarefas domésticas e sendo excluídas das públicas, pois estas estão destinadas aos homens.

Apesar de as mulheres terem avançado nas conquistas através dos movimentos feministas, como afirma Costa (2006) a partir do século XX, os movimentos feministas conquistaram outros espaços, antes exclusivamente masculinos. No arcabouço desses movimentos, encontram-se as reivindicações de direitos, a criação de associações com objetivo de lutar por maiores condições e menos diferença entre os gêneros, dentre outros. Há ainda uma grande desvalorização do trabalho desenvolvido pelas mulheres, se compararmos estes mesmos trabalhos sendo exercido pelos homens, onde se percebe grandes diferenças na remuneração, jornadas de trabalho, etc. É visível que mesmo com o crescimento da inserção das mulheres em variados setores da economia, ainda persistem velhas dificuldades ao se tratar das desigualdades de gêneros. Legitimando estudos de Valadão Junior, Medeiros e Ribeiro (2010) ressaltam que o universo feminino, mesmo com suas conquistas com relação à igualdade de gênero, ainda se cobra devido às obrigações com o lar e a família, mostrando que há uma enorme dificuldade para mulheres conciliarem trabalho e vida social. Porém muitos grupos vêm buscando conciliar trabalho produtivo (social) com o trabalho reprodutivo (doméstico), tornando-se, de certa forma, mais fácil os trabalhos ligados a lida com a roça, como é o caso da manipulação da mandioca, pois se configura como uma extensão dos afazeres domésticos, muitas vezes. Junto à produção, as mulheres acabam por desenvolver trabalhos que atendam também seus afazeres domésticos como: cozinhar, limpar dentre outros.

Ao tempo que estas atividades facilita a inserção da mulher no mercado, acaba por invisibilizar o trabalho da mesma por ser visto apenas como ajuda e não como trabalho produtivo de fato e que gera renda e ajuda no sustento do lar .

2.5 A mulher e o espaço público

Para se compreender a participação da mulher em espaços públicos, devem-se considerar a questão de gênero como uma dimensão poderosa nas relações de poder que se configuram entre homens e mulheres no mundo social. Alicerçados em uma diferença biológica e sexual, a sociedade organiza regras, normas e valores desiguais que são atribuídos a cada sexo, o que aumenta as desigualdades e configura uma luta acirrada por disputa de espaço e poder entre homens e mulheres.

Sobre a questão de gênero, Joan Scott e Siqueira (1995; 2014) tecem suas considerações: “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”. (SCOTT, 1995, p. 86; SIQUEIRA, 2014, p.25).

Dentro da sociedade capitalista, da forma como foi pensada e moldada desde o início, os papéis de homens e mulheres estão claramente definidos, onde aos homens cabe o papel de provedor do lar, desenvolvendo o trabalho produtivo e, cabendo à mulher, o papel reprodutivo, apresentado como a dona de casa e mãe dedicada, sendo seu trabalho visto sem valor social, ao contrário do trabalho masculino, forjando assim a divisão sexual do trabalho.

Siqueira (2014) mostra a dificuldade de inserção da mulher em lugares específicos da sociedade civil, sobretudo no mundo do emprego, na atividade produtiva, e afirma que “é um problema de natureza cultural, educativa e política”. (SIQUEIRA, 2014, p.37). A autora também apresenta os grupos ligados a economia solidária como um aliado na luta por superação nas questões de gênero. Mostrando que a economia solidária pode ser um dos caminhos possíveis na busca por superação das desigualdades criadas historicamente em relação à questão de gêneros e no mundo do trabalho.

A exploração da mão de obra feminina é algo que vem acontecendo historicamente, as mulheres sempre trabalharam seja na cidade ou no campo, no entanto são vistos apenas como complemento da renda familiar, mesmo quando são provedoras dos lares tende a ficar na invisibilidade e, no campo, se torna mais evidente, o seu trabalho é associado ao reprodutivo (doméstico), pois as vezes que se deslocam para roça é visto com ajuda ao companheiro e não com trabalho produtivo, para Cisne (2012) nas classes trabalhadoras a exploração acontece em dobro quando afirma que as mulheres pobres e do campo além de exploradas no âmbito familiar esta exploração se dá na relação com as mulheres da classe dominante nos serviços domésticos como babás, faxineiras, cozinheiras e diaristas. Esta colocação da autora deixa transparecer como a exploração nas classes menos favorecida é mais marcante.

Sabe-se que divisão sexual do trabalho está diretamente ligada há uma ideologia imposta pela sociedade. Kergoat (2003) “A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo; essa forma é adaptada historicamente e a cada sociedade”. (KERGOAT, 2003, p. 55 *apud* MENEGON e CENCI, 2015, p.2).

Mostrando que a divisão sexual do trabalho está ligada a divisão do trabalho social que é imposto a cada sexo e que se molda a depender da sociedade na qual estão inseridas. Estas condições impostas pela sociedade de que há trabalhos exclusivamente de mulheres que são geralmente aqueles voltados ao reprodutivo que é ser a mãe e dona de casa exemplar, enquanto ao homem cabe o produtivo como sendo o provedor do lar, impactam diretamente na desvalorização da mão de obra feminina, que acabam sendo exploradas tendo que prestar serviços em situações muitas vezes insalubres e prestação de serviço como mãos de obra barata.

Scott (1991) afirma que “as mulheres já trabalhavam, muito antes da Revolução Industrial, como criadas domésticas, empregadas na agricultura, costureiras, chapeleiras, fiandeiras, entre outras profissões”. Mesmo que o trabalho das mulheres na indústria têxtil não tenha tido o devido reconhecimento, criou-se grande alvoroço em torno do mesmo, na busca por afirmar que as mulheres estariam ocupando o espaço considerado até o momento como espaço exclusivo dos homens. Scott argumenta, ainda, que “havia na verdade, um grande investimento na construção discursiva de uma divisão sexual do trabalho voltada para a justificação da exploração da mão de obra das mulheres”. (SCOTT, 1991 *apud* MENEGON e CENCI, 2015, p.4) Algo que se percebe até hoje, mudando apenas as formas de discurso de acordo ao espaço temporal em que se insere a sociedade.

Ao longo dos anos busca-se uma legitimação na diferença entre homens e mulheres, por considerar a mulher como sexo frágil, sendo assim, cabe a ela o trabalho reprodutivo (esposa, mãe e mulher exemplar) e quanto aos homens, está reservado o espaço público nas áreas de produção, espaço político, etc.

Segundo Rago (2004) “ser mulher até aproximadamente no final dos anos 1960, significava identificar-se com a maternidade e a esfera privada do lar, sonhar com um “bom partido””. (RAGO, 2004 *apud* PINHEIRO, 2012, p. 37). Aquelas que ousavam fugir a regra eram mal vistas na sociedade e estigmatizadas como mulheres desmoralizadas.

Várias lutas femininas ocorreram no Brasil e no mundo, na busca por igualdade de gênero, por combater a divisão sexual do trabalho e por reconhecimento na esfera política.

Três grandes momentos são destacados na História do movimento feminista, a saber: As reivindicações por direitos democráticos como o direito ao voto, divórcio, educação e trabalho no fim do século XIX, até então somente o homem tinha o direito ao voto, às mulheres só caberia o trabalho da dona do lar dedicada e a jovens esperar um bom moço para casar só estudavam as filhas dos ricos que poderia ter professores em casa; a liberação sexual no fim da década de 1960, (impulsionada pelo aumento dos contraceptivos), as moças até então oprimidas começam a ser donas de seus próprios corpos e desejos e no final dos anos 70 a inserção das mulheres na luta sindical, antes não era permitido mulheres se associarem aos sindicatos, e algumas chegaram a se filiarem com nomes de homens que já havia falecido.

De acordo com o estudo Estatísticas de Gênero, uma análise dos resultados do Censo Demográfico 2010, 12,5% das mulheres com 25 anos ou mais completou o ensino superior em 2010. A participação masculina, no período, era de 9,9%.

As mulheres conseguiram o direito ao voto em 1932, através da constituição Federal fazendo valer este direito conquistado, estas passaram a ser maioria do eleitorado ocupando um percentual 53% do total de eleitores do Brasil, segundo dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

Nos anos trinta no Brasil houve importantes conquistas do movimento feminista como a eleição de Carlota Queiróz como primeira deputada, o direito ao voto e equiparação salarial entre os gêneros dentre outros. Já nos anos oitenta a luta foi contra a violência às mulheres e a criação do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM). com a finalidade de buscar minimizar a discriminação e inserir a participação das mulheres nas atividades políticas, econômicas e culturais.

Atualmente as ações, campanhas e políticas públicas voltadas ao público feminino no País estão sob os cuidados do Ministério das Mulheres, Família e Direitos Humanos.

Em 2015 foi sancionada a Lei do Feminicídio, e passou a considerar este tipo de crime como hediondo. Porém a Lei 11.340 que entrou em vigor em 22 de setembro de 2006 (Lei Maria Da Penha) foi a que mais ganhou repercussão nacionalmente. Depois de sancionada, no dia seguinte, o primeiro agressor foi preso no Rio de Janeiro por tentar estrangular a ex-mulher. A lei foi batizada em homenagem a Maria da Penha Maia Fernandes, que foi vítima de violência doméstica durante 23 anos de casamento.

Apesar de todas estas conquistas a luta deve continuar tanto pela efetivação de fato de várias destas leis que por vezes só acontecem no papel quanto por novas conquistas necessárias, para que o empoderamento e a valorização das mulheres sejam efetivados e para

isto é necessário que a luta continue. No campo, estas lutas se tornam ainda mais dolorosas e difíceis, devido à dificuldade de acesso às informações, porém nada que barre mulheres que buscam e lutam por direitos e empoderamento, sendo um grande exemplo a participação das mulheres em espaços como associações, cooperativas ou grupos que trabalham muitas vezes na informalidade através da economia popular solidária.

2.6 Economia solidária em Iraquara

Uma cidade eminentemente agrícola com pouco incentivo do Estado a pequenos agricultores, homens e mulheres lavradores (as) são levados a se organizarem em associações na busca por construir alternativas econômicas pautadas na lógica da solidariedade na busca por minimizar os impactos sofridos por uma economia desigual.

Em algumas comunidades no entorno do município de Iraquara, as associações de moradores aparecem como uma alternativa de suplantação ao modelo de economia vigente, associações pensadas para organização da comunidade, porém muitas viram nestas uma alternativa também para organização da produção desde o plantio até a comercialização, muito já se desvincularam formando uma nova associação com fins comerciais e na busca por adequação as exigências do mercado providenciaram também a DAP (Declaração de Aptidão ao Pronaf) jurídica documento que lhes confere direitos de comercializar seus produtos provenientes da agricultura, além de facilitar o acesso a outras políticas públicas.

Os sócios dos empreendimentos econômicos solidários situados no município de Iraquara, contam com o apoio do sindicato de trabalhadores (as) rurais local, com os moradores da comunidade, com redes de supermercados e representantes em feiras livres.

O objetivo principal dos grupos de economia solidária no município é agregar valor aos produtos, buscando solucionar problema através da autogestão relacionado à produção e comercialização.

Nesse sentido, diante das mudanças atuais ocorridas no mercado de trabalho, os grupos buscam gerar renda e resgatar a cidadania com intuito de desenvolver empreendimentos de geração de trabalho e renda na perspectiva da economia solidária.

3 CAPITULO II: METODOLOGIA, CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.

3.1 Metodologia

A metodologia utilizada em uma pesquisa de cunho social transcorre pelo levantamento de dados através de pesquisa bibliográfica para compreender melhor o tema a partir de alguns estudiosos, e deve envolver variáveis objetivas e subjetivas, no caso deste estudo buscando focar nas metodologias do saber relacionados à economia solidária através do campo de análise estudado. Defende Fonseca (2002, p. 32),

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta. (FONSECA, 2002, p. 32).

O recorte temporal deste trabalho deu-se entre 10 de novembro de 2017 a 30 de janeiro de 2019. O tempo foi escolhido devido à aproximação da pesquisadora com os grupos, por ser participante de um dos grupos e ter participado de intercâmbios, formações e reuniões com líderes dos demais facilitando a coleta dos dados. Porém, ressaltar que houve a opção de buscar documentos e materiais anteriores a este período, bem como momentos vivenciados anteriormente junto aos grupos para ter o cuidado de que a proximidade da pesquisadora não interferisse na pesquisa.

A metodologia utilizada poderá ser classificada como exploratório-descritiva, com o aspecto qualitativo, que buscou junto aos grupos confirmar percepções acerca do assunto estudado, procurando compreender capacidade produtiva dos grupos, formas de cooperação e sua relação com a economia solidária, através de observações diretas nos grupos e análise dos dados para compreender as formas de organização e comercialização e demais fatos que ocorrer; já as quantitativas serão utilizadas para descrição e transcrição dos dados pesquisados. A partir do enfoque qualitativo foi feita a seleção e a leitura da bibliografia relacionada ao objeto de estudo e a coleta de dados, feita a partir da aplicação de entrevistas semiestruturadas, junto aos membros dos grupos; análise documental; e participação em

reuniões junto a líderes dos grupos; pesquisas de campo, com visitas aos grupos (observação participante) que Segundo Gonçalves (2001),

é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...] (GONÇALVES, 2001, p.67).

Para melhor compreender a metodologia aplicada reportar-se-á Gil (2002) que, quando cita a metodologia descritiva, afirma que um estudo descritivo remonta à “descrição das características de determinada população ou fenômenos ou o estabelecimento de relações entre variáveis”. (GIL, 2002, p. 42), ou seja, o estudo deverá mostrar de forma particularizada, evidenciando suas potencialidades e fragilidades, algo bem evidente no ambiente pesquisado, onde mostram as atividades desenvolvidas pelos grupos e o protagonismo das mulheres neste ambiente. Silva & Menezes (2000) reforçam esse pensamento quando apontam que “a pesquisa descritiva visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados: questionário e observação sistemática. Assume, em geral, a forma de levantamento” (SILVA & MENEZES, 2000, p.21). É uma pesquisa aplicada, por propor um estudo acerca das formas de economia vivenciada nas comunidades.

Através da abordagem qualitativa com a coleta de dados feita através de entrevistas semiestruturadas, aplicadas junto aos membros das cozinhas, a leitura da bibliografia relacionada ao objeto de estudo, o levantamento, a organização e a análise documental e pesquisas de campo com visitas junto aos empreendimentos.

Em relação à entrevista, como Instrumento, Marconi e Lakatos (2010) argumenta: “trata-se de uma conversa oral entre duas pessoas, das quais uma delas é o entrevistador e a outra o entrevistado. O papel de ambos pode variar de acordo com o tipo de entrevista. Todas elas têm um objetivo”, assim sendo, foram coletadas informações preciosas junto às nove mulheres entrevistadas nos três empreendimentos de economia solidária pesquisada e depoimentos de alguns moradores. (MARCONI & LAKATOS, 2010, p. 278). As entrevistas foram gravadas e transcritas e as visitas aos empreendimentos foram agendadas de acordo a disponibilidade dos membros dos grupos.

Para coleta de dados durante a pesquisa, foram utilizados livros, revistas, sites, monografias, artigos observação participante, e visitas *in loco*. Para análise dos dados, recorreu-se a apreciação de conteúdo, buscando organizar e catalogar dados obtidos durante

toda a pesquisa utilizou-se a análise de conteúdo das falas, das conversas e demais informações geradas.

As entrevistas foram direcionadas dentro dos grupos, dando preferência às mulheres que ocupam ou ocuparam cargo de liderança, aquelas que se mostraram mais acessíveis e abertas em falar, e aquelas que estão há mais tempo nos empreendimentos, a faixa etária das entrevistadas foi de trinta e quatro a setenta e oito anos buscando colher tanto a visão das mais jovens como daquelas com maior experiência de vida,. Durante a coleta de dados através das entrevistas houve alguns imprevistos de ordens naturais como chuva impedindo assim o acesso às comunidades por estar em áreas rurais, a pouca disponibilidade das entrevistadas, uma vez que as mesmas acumulam as tarefas do lar e dos empreendimentos e em alguns casos como estudantes, é válido ressaltar que houve um termo de autorização para uso das imagens e falas.

Mesmo não tendo entrevistado todas as participantes dos empreendimentos é válido ressaltar que as opiniões e colocações das demais também foram consideradas e ponderadas, algo feito a partir das conversas “informais” e da observação dentro dos grupos.

Após entrega da versão final do TCC ao colegiado do curso, será dado o retorno aos atores sociais da pesquisa (mulheres), através de visitas para expor como foi o trabalho e entrega de cópias do trabalho digital aos grupos e consultar para ver a possibilidade de se fazer uma pesquisa de viabilidade de construção de uma cooperativa no município.

3.2 Caracterização da área de estudo

Figura 1 – Localização da área de estudo



Fonte: <https://www.google.com/search?q=mapa+de+Iraquara+dentro+do+mapa+da+bahia+bahia&oq>

Iraquara é uma cidade localizada ao centro da Bahia, na Região da Chapada Diamantina, conhecida no Brasil e no mundo por suas belezas naturais, paredões, grutas formações rochosas, rios de águas cristalinas ou turvas de beleza singular. A cidade é conhecida como a “Cidade das Grutas” por possuir o maior acervo espeleológico da América do Sul, ou seja, a maior concentração de cavernas está sob o território de Iraquara com mais de duzentas grutas catalogadas, porém poucas abertas a visitação, lugar única com espeleotemas² jamais encontrados em outros lugares do mundo como a caverna da torrinha que possui as maiores agulhas de gipsitas já catalogadas, todas as formações são graças ao predomínio de um solo calcário elemento fundamental na formação dos espeleotemas.

O município é banhado pelo Rio Pratinha, pelos Riachos Sonhém, Água de Rega, Caiçara, Riacho do Mel, Lobato, São José e Duas Barras, e pelas Lagoas de Piroca e Ingazeira. Rica em água subterrânea, sua água salobra, conhecida popularmente como salgada, é cristalina e rica em sais de cálcio e magnésio, pois o seu solo é rico em carbonato de cálcio, matéria-prima para fabricação de cal e dos espeleotemas das grutas. Parte do território de Iraquara está protegida na Unidade de Conservação Marimbus-Iraquara com 125,4 mil hectares numa região limítrofe ao Parque Nacional da Chapada Diamantina.

Cidade pequena com uma População estimada, no ano 2018, de 24.942 pessoas e ocupa uma área territorial de 991, 822 km² (IBGE, 2018). Localizada há 465,8 km da capital Salvador, tendo como principal via de acesso a BR 242, município eminentemente agrícola onde 70% da população está ligada a agricultura familiar de forma direta ou indireta.

O registro de pinturas rupestre mostra que o povoamento do município de Iraquara iniciou há 12 mil anos, informações retiradas do site da prefeitura afirma:

Passaram muitos povos pré-históricos, nômades das mais variadas regiões Deixaram aqui a marca de suas presenças através de pinturas rupestres, fósseis e registros arqueológicos encontrados nas grutas e abrigos abundantes, originados pela formação calcária do subsolo (PREFEITURA DE IRAQUARA, 2017).

Porém os conquistadores vieram no século XIX atraídos pela promessa de ouro e diamantes abundantes. Os colonizadores começaram a chegar à região na metade do século

² Chama-se de espeleotema uma formação rochosa originada pela dissolução de minerais e sua recristalização em níveis inferiores no teto, paredes e chão das cavernas. A substância mais comum nesse processo é o carbonato de cálcio, que, ao recristalizar, forma os minerais calcita ou aragonita, ambos com aquela composição química. Se há também magnésio dissolvido, pode-se formar outro mineral, a dolomita. Outros possíveis minerais formadores de espeleotemas são a gipsita (sulfato hidratado de cálcio) e a malaquita (carbonato básico de cobre).

XIX, atraídos pelo diamante da região, formando garimpos que deram origem a muitos povoados. A exploração de minérios fez surgir a Estrada Real, que cortava a Chapada Diamantina no sentido Norte Sul, ligando Jacobina a Rio de Contas e passando por Iraquara e Seabra.

O descobrimento de pedras preciosas nestes lugares deu origem a muitos povoados do município, a descoberta de um riacho com água abundante no leito do Riacho Água de Rega por um tropeiro chamado Manoel Félix fez surgir um povoado que de início ficou conhecido pelo nome poço de Manoel Felix. Em 1930, tornou-se distrito com o nome João Pessoa. Em 1962, o município foi criado com nome Iraquara, vocábulo tupi que significa o buraco das abelhas. Tal poço até os dias atuais abastece a cidade e outras circunvizinhas.

As comunidades escolhidas todas fazem parte do município supracitado e estão situadas em áreas distintas. Canabrava e Boca da Mata ficam no lado sul da cidade, onde predomina maior quantidade de plantações sequeiras de mandioca e laranja, com um solo mais arenoso e de cor amarelada, já a Quixaba, no norte do município, predomina os solos vermelhos ou roxos e os de terra preta, com maior quantidade de argila e áreas irrigadas.

Dentre as comunidades citadas, a Canabrava é a mais antiga, tendo origem datada que coincide com o nascimento do próprio município. Pois segundo relatos dos antigos, em 1870 o Sr. Manoel Félix da Cruz abriu uma estrada ligando o povoado de Canabrava à Parnaíba, chamada de Iraporanga atualmente.

A vegetação predominante nas três comunidades é a caatinga, porém como já mencionado, com algumas peculiaridades, por exemplo: a caatinga na Quixaba é menos densa em relação às comunidades de Canabrava e Boca da Mata; o clima predominante é tropical semiárido, apresentando relevo acidentado, com presença de planalto e chapadas com precipitação pluviométrica anual em torno de 600 a 800 mm, porém, por ser distribuída de forma irregular durante o ano, nem sempre garante a produção agrícola em áreas de sequeiro.

As comunidades contam com um abastecimento via encanação de água, vinda de poços artesianos, abastecimentos por carro pipa e captação de água da chuva através de cisternas. Apesar de o município ser rico em água subterrânea, a mesma é salobra, contendo muitos sais de cálcio e magnésio, porque o seu solo ser rico em carbonato de cálcio, matéria-prima importante na fabricação de cal e dos espeleotemas das grutas, porém imprópria para consumo humano.

Após breve contexto com características comuns a todas as comunidades é momento de enumerar as particularidades de cada uma.

3.2.1 Quixaba

Quixaba, comunidade que começou a ser constituída em 25 de julho de 1945 com a chegada dos primeiros moradores: José Bispo de Sousa, Justina, Firmino e Francisco (Chico de Nega). Alguns anos depois, veio o Sr. José Francisco de Souza e sua esposa Geralda, que fizeram suas casas e construíram suas famílias. É uma comunidade extensa que se situa ao longo da BA 480, está entre a sede da cidade e o distrito de Iraporanga, possui grutas, porém não abertas à visitação.

Em relação aos aspectos socioeconômicos, observou-se que, na Quixaba, a fonte de renda que predomina está ligada a agricultura, seja ela familiar de subsistência ou na prestação de serviços por pequenos agricultores aos donos de terras irrigadas ou em grandes fazendas, existe ainda aqueles que são funcionários públicos como professores e motoristas, têm também alguns poucos ligados a pequenos empreendimentos como bares, lanchonete e, dentre estes, podemos citar o público alvo deste estudo, que são as mulheres que trabalham com os derivados da mandioca na Casa de Biscoito Quixaba.

O êxodo rural acontece devido à escassez de empregos formais, sendo assim, muitos trabalhadores se deslocam para grandes metrópoles na busca por assegurar renda suficiente para o sustento da família. Em relação aos aspectos ambientais, essa comunidade apresenta problemas decorrentes da falta de saneamento básico, bem como em relação à degradação dos recursos naturais (desmatamento acelerado da vegetação para plantio irrigado, uso indiscriminado de agrotóxicos e degradação do solo).

Na esfera social, a comunidade se organiza em associação, onde acontece uma reunião ordinária todas as primeiras sextas-feiras de cada mês, possuía uma escola que atendia do Infantil ao 5º ano, porém, no final do ano de 2017 foi fechada e todos os alunos deslocados para sede. No aspecto religioso, manifestações frequentes na comunidade são as festas de São José o primeiro padroeiro da comunidade e de nossa Senhora Aparecida a atual, além da missa de Santo Antônio com a benção e distribuição dos pães aos fiéis, a religião católica é predominante, porém existe uma igreja evangélica e alguns seguidores, ainda há aqueles que creem em Deus, mas não seguem nenhuma religião. Outra manifestação que tem ganhado destaque na comunidade é a festa à fantasia, que já irá completar sua sexta edição, e a argolinha que está em sua quarta edição, algumas manifestações como comemorações de

datas cívicas: dia das mães, consciência negra, dia os pais etc. Tais datas comemorativas foram excluídas da programação local, pois estavam diretamente ligadas ao calendário escolar e, a escola da comunidade, foi fechada.

O artesanato é praticado por alguns artesãos de forma individual e autônoma.

O lazer no dia a dia acontece através do deslocamento de moradores para rios, grutas e cachoeiras no entorno, além de jogos de futebol masculino e feminino dentro da comunidade e em comunidades vizinhas. Em relação à saúde, existem líderes da Pastoral da Criança que acompanham crianças recém nascidos até seis anos de idade e orientam as mães sobre uma boa e correta alimentação, importância do aleitamento materno e o monitoramento do peso, também em a líder comunitária que acompanham as famílias e as norteiam para possíveis encaminhamentos relacionados a consultas médicas, preventivos, dentistas, etc. trabalhos estes oferecidos em um PSF (Posto de Saúde da Família) que fica na sede do município. Após apresentar um panorama geral da comunidade será apresentado um breve histórico da Casa de Biscoitos Quixaba.

3.2.1.1 Casa de Biscoito Quixaba

A ideia nasce da parceria entre a associação local e o Sebrae, no ano 2010, através do curso de Mandiocultura. O projeto é composto por mulheres de diferentes faixas etárias e, em sua maioria, são donas de casa, que após o curso decidiram montar o grupo intitulado Casa de Biscoito Quixaba. Depois do grupo formado, a cozinha recebeu doação do Instituto Brasil Solidário (IBS), através do Projeto Amigos do Planeta na Escola, incluindo todos os equipamentos industriais de que dispõe.

Em um empreendimento de economia solidária as parcerias são fundamentais, o espaço onde funciona a cozinha também não fugiu a lógica da cooperação, na qual em assembleia da associação comunitária foi firmado que um galpão, sem uso, passaria a ser o local de funcionamento da Casa de Biscoito Quixaba, por tempo indeterminado. Para isso, foi feito uma reforma para adaptar as regras exigidas, pela vigilância sanitária, que versam a manipulação de alimentos. No início, maior parte das vendas era feita no sistema porta a porta, algumas encomendas e vendas na feira livre que acontece na sede e em um mercadinho na comunidade onde desenvolve a produção. Havia ainda a venda dos produtos em pequenas feiras, promovidas pelas empreendedoras, nos finais de semanas dentro da comunidade.

Inicialmente as mulheres não tinham capital para compra da matéria prima, então cada agricultora levava um produto de que disponibilizava em sua casa, chegando à cozinha juntavam-se todos os ingredientes e fabricavam os biscoitos. O que se arrecadava com a venda dos biscoitos era utilizado para comprar mais matéria prima. Na cozinha fabrica-se produtos doces e salgados: doces: flor do campo, bolachas tradicionais, biscoito de maracujá, de limão, de chocolate, o Joaquim Teodoro - também conhecido como Quinca ou Te Adoro -, biscoitos divinos, sorvete e pudim; salgados: rocambole, lasanha, pizza, coxinha, pastel, empadas, empadão, todos tendo a mandioca como ingrediente principal.

Em 2012, o grupo com doze mulheres desenvolveu o projeto PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) da Conab (Companhia Nacional de Abastecimento) em meio a grandes dificuldades, pois foi aprovado no momento que o estado passava por uma grande seca e a matéria prima para fabricação ficou difícil, o que elevou o custo da produção, porém o recurso foi bem vindo e parte foi utilizada para melhorar o espaço físico da cozinha, mas quanto ao lucro foi irrisório.

Por vários motivos muitas mulheres saíram do grupo, restando apenas seis com participação ativa. As bolachas de polvilho se tornaram o carro-chefe do grupo e são comercializadas em alguns mercados locais, vendas para o PENAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar), via chamada pública, encomendas e, na feira, conta-se com o apoio de agricultor que comercializa produtos da agricultura familiar.

3.2.2 Boca da Mata

Trata-se de uma comunidade pequena, com cerca de oitenta famílias sendo, segundo os moradores, a mesma quantidade de associados, presidiados, atualmente, por Rosângela Ribeiro. A origem da comunidade é incerta, não houve morador que dispunha de tal informação.

A principal atividade econômica dos moradores está ligada a agricultura familiar, sendo o cultivo da mandioca a atividade agrícola que se sobressai na comunidade, com grande quantidade de casas de farinha familiares, onde se beneficiam a mandioca, dando origem aos produtos derivados e, conseqüentemente, agregando valores. Apesar da força na produção de mandioca, vários moradores buscam empregos em outras cidades, principalmente em São Paulo. Em relação a saúde, há uma agente comunitária, os moradores são atendidos em um

PSF na comunidade vizinha (Zabelê), a educação informal acontece através dos ensinamentos passado pelos mais velhos e através da educação formal, a ofertada na escola, ressaltando que os moradores precisam se deslocar para outra comunidade onde é ofertada esta educação, por não possuir escola local. O catolicismo e protestantismo (evangélico) são as duas religiões cultuadas, destacam-se, ainda, as festas de reisado e do padroeiro comunitário, as danças e as quadrilhas no período junino.

A produção de vassouras e esteiras de palhas, fazer parte do artesanato local.

3.2.1.2 Grupo de mulheres Boca da Mata

Este grupo é formado por vinte e quatro membros, sendo vinte e duas mulheres e dois homens, com faixa etária de 28 a 57 anos, está efetivo desde o ano de 2012, produz beijú, bolo e avoador³ que são comercializados em mercado, via PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) e PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar).

A ideia nasceu em 2010 a partir de um curso ministrado pelo Sebrae. No início contou com a ajuda do senhor Vange, produtor de mandioca e morador da comunidade que cedeu o espaço da casa de farinha da família para as mulheres trabalharem, em 2012 acessou o PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) via CONAB (Companhia Nacional de Abastecimento) e, novamente, em 2016, porém, devido à conjuntura política, no momento, passaram por grandes dificuldades na liberação dos recursos, permitindo, apenas, a construção de uma cozinha com forno elétrico.

3.2.2 Canabrava

Essa é uma das mais velhas comunidades do município. Possui alguns casarões antigos, gente hospitaleira, porém de personalidade forte. O nome Canabrava atribui-se devido a uma espécie de cana tóxica que existia na localidade e não podia ser ingerida. Um aspecto cultural que sobressaem, são as cavalgadas e argolinhas, sendo tão marcante essa cultura que a comunidade possui um grupo intitulado ferradura de ouro.

³ Biscoito fabricado a partir da tapioca (polvilho).

A comunidade investe bastante em pequenos comércios, tais como: padarias, minimercados, bares etc., muito destes donos de estabelecimentos acabam se deslocando para a sede da cidade em busca de melhorias econômicas. A agricultura, os funcionários públicos, pecuária além dos beneficiários do INSS (aposentados e pensionistas) são fontes de renda que existem na comunidade. Sua forma de organização é via associação comunitária.

A população na comunidade vem diminuindo e há um grande número de casas fechadas, pessoas que buscam melhores oportunidades de trabalho e estudos nas cidades. Quanto a infraestrutura há algumas ruas pavimentadas e coleta de lixo uma vez por semana, busca preservar a vegetação nativa no entorno da comunidade, onde se percebe no percurso de toda comunidade árvores no entorno, além de altos paredões de pedras.

3.2.1.3 Associação de Agricultoras Familiares de Canabrava

Composta por vinte e quatro mulheres, a Associação das Agricultoras Familiares da Comunidade de Canabrava e Adjacências foi fundada no ano 2015, antes da fundação trabalhavam via associação comunitária. Quando foi fundado possuía uma roça de mandioca de onde provinha parte da matéria prima que era produzida pelas próprias mulheres, a outra parte pegava com o grupo da cozinha vizinha, localizada na Boca da Mata. Quando findou o projeto PAA, as mulheres passaram a fabricar e vender pães caseiros de porta em porta na própria comunidade, porém, neste momento, o grupo começou a se desfazer devido ao retorno financeiro insuficiente, ficando apenas dezesseis mulheres.

4 CAPÍTULO III: RESULTADOS E ANÁLISES DE DADOS

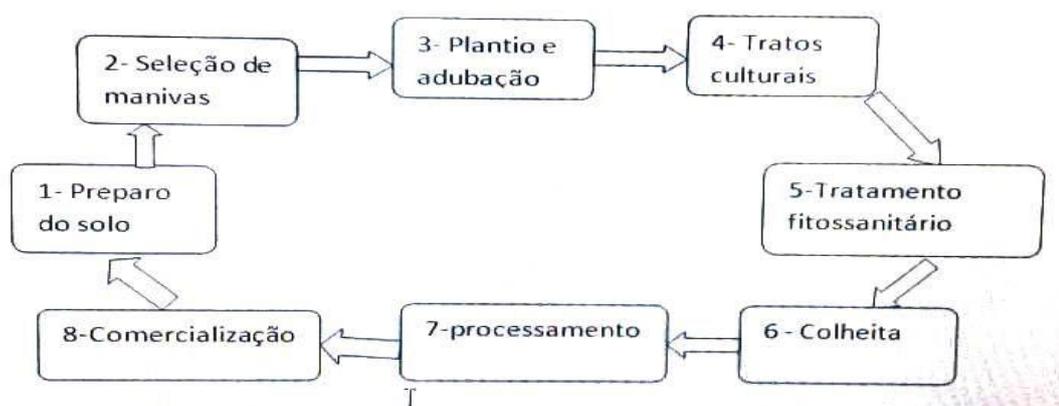
4.2 Resultados

A Economia Solidária apresenta importantes propostas que objetivam uma transformação na vida dos atores envolvidos, principalmente nas comunidades mais carentes. Através de ações que geralmente estão alicerçadas na constituição de grupos da agricultura familiar, cooperativas e associações, na busca para superar as desigualdades geradas pela economia capitalista.

Nos grupos de ES, geralmente, os trabalhos de processamento da matéria prima e dos alimentos são feitos de forma artesanal ou semi-artesanal, isto é, nas próprias residências dos membros do grupo, casas de farinhas rústicas ou em cozinhas comunitárias. O trabalho conta com o envolvimento de familiares das produtoras, mesmo que de forma indireta, tais como: levar lenha, transportar a mandioca e limpeza das áreas no entorno dos estabelecimentos, participação fundamental para manutenção dos grupos, uma vez que as mulheres se ocupam nos afazeres domésticos, se dedicam à família, exercendo a função, também, de esposas, mães e irmãs cuidadas. Além de ocuparem parte do tempo nos trabalhos domésticos, encarregam-se de novos papéis como gestoras dos empreendimentos, tendo que assumir compromissos que vão além das atividades do lar.

Do plantio da mandioca até o seu cultivo e comercialização, o processo é árduo, são várias etapas igualmente importantes para o resultado final, conforme o esquema abaixo:

Esquema 1 - Processamento da mandioca - plantação a comercialização



Fonte: Autora (2018)

1. Preparo do Solo – destoca, aração e gradagem, feita com trator de rodas com arado e grade de discos; 2. Escolha e seleção de manivas de boa qualidade; 3. Plantio e adubação, com enxadas para abrir as covas (buraco) onde serão plantadas as manivas; 4. Tratos culturais com cultivador animal ou enxada, rotação de cultura, tempo de repouso da terra; 5. Tratamento fitossanitário-controle de manivas; 6. Colheita - manual e com enxadão e facão; 7. Extração da tapioca (polvilho) e da massa, através do processo de raspagem e trituração da raiz de mandioca; 8. Comercialização da tapioca (polvilho), farinha e aipim em feiras livres, bem como os biscoitos fabricados à base do polvilho que são comercializados via PNAE, PAA e mercadinhos da região.

O levantamento de dados mostrou que, além dos produtos e derivados da mandioca, um dos grupos trabalha com extração de polpas de frutas, dando preferência ao beneficiamento das frutas nativas, podendo citar: o umbu, o maracujá do mato, o cajá e, também, outras espécies bem adaptáveis ao clima local: a goiaba, a manga, o tamarindo e o maracujá amarelo, cultivado nos quintais.

No trabalho com derivados da mandioca, os produtos à base de tapioca (polvilho) ganham destaque, sendo a parte mais valorizada seguida da farinha, ambas extraídas através do processo de raspagem e moagem da raiz. A tapioca é extraída a partir da lavagem da massa da mandioca já moída, a água desta lavagem posta em repouso resultará na tapioca. O restante da massa será torrada e dará origem à farinha, a parte lavada é vendida para se transformar em ração animal. Além do envolvimento neste processo, as mulheres participam das etapas de preparação do solo, plantio, capina e colheita, sendo muitas delas as próprias donas da área de plantio.

Sendo a Economia Solidária uma proposta de economia que versa sobre os valores da cooperação e autogestão, em busca do crescimento pessoal e do grupo, em alguns momentos do processamento acontecem, entre os grupos, intercâmbios de saberes e experiências, além de formações com a participação de todos, no intuito de aprender com o outro e para que haja uma formação contínua (ver fig.1). Sobre estas trocas de experiências e a respeito da necessidade de estarmos em um aprendizado constante, Freire afirma que “todos nós sabemos alguma coisa. Todos nos ignoramos alguma coisa. Por isso, aprendemos sempre.” (FREIRE, 1989, p. 31).

Figura 1 - Visita de representantes de Quixaba para troca de saberes em Boca Mata



Fonte: Autora (2018)

A falta de retorno financeiro se apresenta como principal dificuldade elencada pelos grupos, se tornando uma das principais causas de evasão, além de não assegurar a dignidade e estabilidade aos que permaneceram.

As dificuldades são ocasionadas pelo aumento significativo dos preços dos ingredientes, falta da matéria prima para manter uma produção constante, a não inserção do produto no mercado, falta de união, a seca e o pouco ou quase nenhum apoio da gestão pública municipal.

Dentre as mulheres entrevistadas, sete pontuaram as dificuldades da produção e comercialização, as mesmas acreditam que aumentaram em relação a tudo, a falta de direcionamento das produções, ocasionam a produção por encomenda ou comercialização de pequenas quantidades nas feiras livres. Outrora havia destinação para produção, já que todos os grupos trabalhavam com o PAA. Boca da Mata e Quixaba também trabalhavam com o PNAE. Quixaba ainda teve sua comercialização nas feiras livres interrompida, devido à logística com o transporte.

Duas das entrevistadas analisaram, na perspectiva de um recomeço e dos avanços conseguidos, afirmando que durante a execução dos projetos citados acima havia um retorno financeiro. Uma das participantes afirma: *“foi o momento que a cozinha mais prosperou, pois tinha uma renda pontual”* (Graciela), mesmo sendo pouco o retorno financeiro, a mesma possibilitou a melhoria do espaço físico e compra de equipamentos – essenciais para as cozinhas funcionarem o mais próximo do exigido pela vigilância sanitária.

Outra entrevistada pontuou que passaram de um espaço emprestado para um estabelecimento (cozinha) construído com renda adquirida pelo próprio grupo, através de um empréstimo concedido pelo Banco do Nordeste.

Na busca por superar as dificuldades, as mulheres se unem para traçar estratégias dentro do próprio grupo, processo lento devido à incompatibilidade de ideias, todavia, as que permanecem resistem e buscam mecanismos que ajudam a superar a seca e adquirir a matéria prima dentro da própria comunidade, de preferência junto aos familiares para que haja uma diminuição do custo final dos produtos. Tais dificuldades têm sido fator causador da saída de mulheres do grupo, que em busca de melhor remuneração e, como consequência, sobrecarrega as que permanecem, pois trabalham mais e ganham menos.

Para manterem-se no mercado, os grupos passaram a produzir apenas um produto, alguns até mesmo se adequando e buscando produzir outro tipo de produto não derivado da mandioca, conseqüentemente a realidade atual dos grupos modificou bastante em relação à proposta inicial.

4.3 Realidade dos grupos atualmente

4.3.1 Cozinha de Boca da Mata

O grupo de mulheres de Boca da Mata está situado a 10 km do centro da cidade, começou seus trabalhos no ano de 2012. Formado por vinte e quatro mulheres agricultoras, todas são alfabetizadas e algumas terminaram o ensino médio, porém nenhuma acessou a faculdade. Do trabalho inicial em um espaço emprestado, passou a funcionar, agora, em uma cozinha própria, atualmente com nove mulheres trabalhando, pois devido à queda nas vendas e escassez da matéria prima, o grupo tomou a decisão de afastar alguns membros até que houvesse uma melhora financeira.

É um grupo formado por agricultoras familiares, mães que buscam conciliar trabalho produtivo dentro do empreendimento com os afazeres do lar, ficando claro na fala da líder Leninha, que ao terminar a entrevista apressada diz:

“tenho que ir embora cuidar de minha irmã que está doente”

Na fala da entrevistada, fica claro a dupla jornada que essas mulheres enfrentam na busca por manter a cozinha funcionando, além das dificuldades enfrentadas no empreendimento relacionadas à gestão e finanças, precisam se desdobrar nos cuidados com os familiares.

O grupo não foi desfeito, porém, muitos, com o término do PAA, se afastaram por tempo indeterminado, na busca por uma atividade que assegurasse um retorno financeiro que garantisse o mínimo de dignidade à família, a entrevistada Maria confirma dizendo:

“no início estavam todas, mais a dificuldade foi chegando e ficou só nove e as nove está enfrentando para não perder o freguês, pois se perder fica pior pois vai fechar a cozinha”.

A entrevistada Andréia diz:

“a gente quer seguir mais não é fácil, no começo foi mais difícil, pois antes não tinha uma cozinha mesmo assim ainda está difícil”.

Devido aos conflitos e dificuldades, as atividades dentro do grupo não têm conseguido asseguraram retorno financeiro suficiente para que permaneçam todas trabalhando.

São precárias as condições que as mulheres enfrentam para manter vivo o sonho, sendo a falta de matéria prima um dos fatores mais preocupantes, uma vez que mandioca cultivada por elas finda ou é insuficiente, há uma necessidade de compra externa, o que acaba por aumentar os custos.

As mulheres precisam muitas vezes abandonar o empreendimento para priorizar a família, pois devido a algumas questões socialmente construídas as tarefas de cuidar do lar é obrigação das mulheres.

Para manter o grupo em funcionamento e buscar vencer os obstáculos, as mulheres que permaneceram se dividem em três subgrupos e trabalham em dias estabelecidos e cada grupo fica responsável para produzir e transformar 100 kg de tapioca em beiju.

A produção resulta em cinquenta fardos de beiju, cada um contendo vinte e cinco pacotes com nove unidades, sendo o fardo comercializado no valor de R\$ 40,00 resultando em uma receita de R\$ 2.000,00 ao mês. O grupo gasta R\$ 1.000,00 na compra de cinco

sacos de tapioca. Restando R\$ 1.000,00 para cobrir demais despesas eventuais e dividir entre as nove participantes que dará em torno de R\$ 100,00/ mês para cada participante, quantia que não garante estabilidade financeira, conforme Quadro 1.

Quadro 1 - Valores movimentados atualmente dentro do empreendimento (Cozinha Boca da Mata)				
Vendas/ mês	Valor bruto	Despesas	Valor líquido	Lucro de cada mulher/ mês
50 fardos (R\$ 40,00 cada)	R\$ 2.000,00	R\$ 1.000,00	R\$ 1.000,00	R\$ 100,00

Fonte: Autora (2018)

Com um lucro simbólico, o objetivo é manter a cozinha funcionando, na esperança de alcançar dias melhores, tanto para as que permanecem, bem como para resgatar aquelas que estão afastadas.

Nos momentos de reuniões todas as mulheres participam, pois consideram este momento como espaço de construção de mecanismos e fortalecimento do coletivo.

A ES preza pela emancipação econômica, social e pessoal, nesse viés, na busca por suas independências, se desvincularam da associação comunitária formando uma nova que no momento está em um processo de retirada da DAP Jurídica (Declaração de Aptidão ao Pronaf), para vencer alguns entraves burocráticos na comercialização dos produtos, bem como a busca de uma logomarca e do selo para dar visibilidade ao empreendimento.

A realidade atual se modificou no aspecto financeiro, de R\$ 190,00 movimentados no projeto PAA, durante os anos 2015 a 2016 e beneficiava vinte e quatro famílias, alcançando uma capacidade produtiva de 120kg semanais, para apenas 24 mil por ano e reduzindo o número de famílias para nove.

Em um projeto de doação simultânea como o PAA, as produtoras não serão as únicas beneficiadas, por isso é válido ressaltar que o número de famílias que deixaram de ser favorecidas vai além das quinze aqui colocadas, uma vez que tais produtos são comprados pelo governo e distribuídos entre as famílias carentes dentro do próprio município.

4.2.2 Cozinha Quixaba

A Casa de biscoito Quixaba possui uma logomarca intitulada: Associação de Mulheres Empreendedoras de Quixaba, conforme mostra a Figura 2. Apesar de possuírem um rótulo e uma identidade visual, a associação não foi constituída formalmente e continua a trabalhar via associação comunitária e DAP individual, não possui selo registrado nem DAP jurídica, sendo um dos obstáculos que não possibilitou a renovação do projeto PAA.

Figura 2 - Logomarca da Casa de Biscoito Quixaba

Fonte: Cartão de visita da Casa de biscoitos.

A realidade de esvaziamento do grupo tem enfraquecido a produção e comercialização dentro da Casa de Biscoito Quixaba. Por ser um grupo formado de mulheres agricultoras, mães, avós, esposas e irmãs, muitas precisaram se afastar, pois não conseguem conciliar o trabalho doméstico com a produção na Casa de Biscoitos ou, ainda, precisaram buscar novas fontes de renda que lhes assegurassem retorno financeiro imediato, algo que até o momento a economia solidária trabalhada dentro do grupo não tem dado conta.

As dificuldades internas resultaram na diminuição da produção e, conseqüentemente, da receita anual de R\$ 40.500,00 para pouco mais de 3.000,00 de uma realidade de um grupo constituído por vinte mulheres que produziam mais de dez derivados da mandioca, passando a funcionar com a participação de seis integrantes e comercializar apenas um produto, tendo sua comercialização apenas na feira livre e encomendas. O afastamento das integrantes aconteceu por falta da demanda de trabalho e a necessidade da garantia do retorno financeiro para manter ou ajudar a manter seus lares, o que a Casa de Biscoito não tem conseguido garantir. De acordo com Welles (2012 apud silva 2015. P.159) “serve para minar o sentimento

revolucionário dos trabalhadores, pois assim estes não são estimulados a ter uma consciência solidária que projete novos horizontes e desafios para além do capitalismo”. Mesmo com uma experiência de esvaziamento do grupo as participantes se aproximaram mais do conceito de economia solidária e compreende a importância desse modelo de produção, algo claro no desejo de várias em um futuro próximo em retornar e resgatar os trabalhos com o grupo.

Diante a precariedade do funcionamento do grupo, as mulheres veem como única saída (momentânea) para garantia da renda pontual, a venda de sua mão de obra aos empreendimentos capitalista.

As entradas são praticamente para manter as despesas da cozinha com matéria prima e contas de água, luz e gás, exceto quando aparece alguma encomenda grande de biscoitos algo raro, pois a única entrega certa todas as semanas são dez pacotes de bolachas repassados a um feirante por R\$ 2,00 cada e alguns pacotes vendidos na própria cozinha no momento de fabricação.

Quadro 2 - Despesas e vendas frequentes na fabricação da bolachinha de polvilho no ano de 2018					
	Produto	Valor	Semanal	Mensal	Anual
Gastos	Margarina	R\$ 4,50	R\$ 36,00	R\$ 217,60	R\$ 2.611,20
	Farinha de trigo	R\$ 9,00			
	Leite	R\$ 2,00			
	Gás	R\$ 6,00			
	Ovos	R\$ 3,90			
	Tapioca	R\$ 28,00			
	Fermento	R\$ 1,00			
Vendas	Feira		R\$ 20,00	R\$ 80,00	R\$ 960,00
	Encomendas		R\$ 16,00	R\$ 64,00	R\$ 768,00
Total em vendas			R\$ 36,00	R\$ 144,00	R\$ 1.728,00

Fonte: Autora (2018)

Além do demonstrativo acima apresentado, a Casa de Biscoitos Quixaba produz em torno de 500 kg de polpas de frutas por ano, que são vendidas a R\$ 5,00 cada quilo, quando vendida totalmente, resultará em uma quantia de R\$ 2.500, que ajuda a manter as despesas mínimas da cozinha. Acontecem, ainda, durante o ano algumas encomendas de biscoitos que variam de R\$ 200,00 a R\$ 400,00 reais. Com estes produtos adicionais, os valores das vendas anualmente ficarão em torno de R\$ 3.500,00 a R\$4.628,00.

Quando há um incentivo do governo, os empreendimentos solidários tendem a prosperar, e contribuir de forma mais efetiva na economia local. O quadro abaixo mostra a

realidade do grupo ao trabalhar com um programa do governo que prevê um incentivo ao fortalecimento da renda familiar. Apresentando assim grande diferença de valores da acima mencionada.

Quadro 3 - Demonstrativo de nº de beneficiados por entidade, valores e quantidades de produtos comercializados pela associação de Quixaba junto ao PAA							
Entidades beneficiadas	Nº de Beneficiados/as	Quantidade comercializada por produto (Kg)			Total comercializado (kg)	Preço R\$/kg	Valores comercializados (2013)
		Beiju	Biscoito de Goma	Bolo de Aipim			
Assembleia de Deus Jardim Miriam	98	762	762	762	2.286	6,00	13.716,00
Lar da fraternidade Maria de Nazaré	60	726	826	762	2.278	6,00	13.668,00
Associação Comunitária de Caatinguinha	330	762	662	762	2.186	6,00	13.116,00
TOTAL	488	2250	2250	2286	6.750	6,00	40.500,00

Fonte: Autora (2018)

O apoio de projeto não pode se considerar como principal porta de sobrevivência do empreendimento, por mais que estes incentivos se apresentem como fundamental. Os grupos de ES não deverão, jamais, esquecer princípios fundamentais da sua essência como emancipação política, financeira, social e pessoal, o que não acontecerá se ficarem sempre presos aos programas assistencialistas.

Neste viés a fala da senhora Waldetina mostra que é preciso buscar outras formas de vencer as dificuldades, afirmando que:

“a comunidade se juntar se unir e acreditar, pois acredito que estava mantendo a cozinha, as pessoas ia acreditar mais, com mais pessoas pra trabalhar tem como produzir mais, mesmo apesar das dificuldades”.

Foram elencadas várias dificuldades e algumas consequências, como: saída da maioria das integrantes, alvará atrasado, a produção das bolachinhas que parte do processo está sendo feito em um forno a lenha na casa de uma participante vizinha à cozinha, pouca inserção do produto no mercado, citado por várias integrantes dentro dos grupos, o aumento do preço da matéria prima e a desunião do corpo participativo. Dentre as colocações, gostaria de destacar a fala de Graciela quando ela elenca algumas dificuldades:

“a união do grupo atrapalhou um pouquinho, a formação do grupo foi diminuindo formou o grupo com uma quantidade depois foi diminuindo esta quantidade, foi outras

peças que foram trabalhar... uma dificuldade maior foi as vendas, pois o biscoito mesmo é um biscoito fino e nem todo mundo quer trocar um biscoito fino por um pacote de bolacha que vai dar para todo mundo”. A mesma ainda afirma que a crise foi quem causou a maior mudança: *“decaiu muito a produção e a produção de hoje não é igual a do começo, agora a crise a gente teve que aumentar preço e diminuir a produção, e você não consegue produzir como era antes”*.

Na fala da produtora, percebe-se que há várias dificuldades, porém a inserção no mercado é considerada a principal, devido ao custo da mercadoria que não é acessível ao público local e não conseguir competir com produtos já inseridos que conseguem sanar as necessidades de várias pessoas em relação à quantidade, apontando a crise como responsável pela maior mudança. Ao citar a união percebe-se que se refere a falta de cumplicidade e tentativa de unificar as ideias dentro do grupo.

Várias integrantes demonstram desejo de voltar, porém ainda não aconteceu reunião com todas para traçar os caminhos a serem tomados, algo que além de ser ouvido das próprias agricultoras através de conversas informais é percebido até nas falas de algumas entrevistadas que estão afastadas, sempre utilizando a primeira pessoa de plural (nós), para se referirem à cozinha, mesmo na atual situação do empreendimento.

4.2.3 Cozinha de Canabrava

Quanto à cozinha de Canabrava, mesmo sendo mais organizada no que se refere à documentação legal⁴, com local para processamento dos produtos, maior acervo de maquinário com relação às outras cozinhas, encontra-se fechada. Diante da fala das entrevistadas, a única saída possível será vender o maquinário e dividir a quantia entre o grupo, logo após dar baixa na associação o que, segundo a líder, ainda não aconteceu por existir duas parcelas do PAA a receber.

“a principal dificuldade foi a financeira, pois a gente fazia a prestação de contas e mandava para Conab e a Conab demorava de liberar, até hoje a gente tem duas prestações lá, eu nunca dei baixa na questão da nossa associação por este motivo” (presidente da associação).

⁴ Onde escreve-se: "documentação legal, lê-se: "documentos para o processo de comercialização, desvinculação da associação comunitária e DAP jurídica (documento que confere aos agricultores o direito de comercialização dos produtos provenientes da agricultura e acesso a outros projetos).

O projeto citado foi assinado em dezessete de julho de dois mil e quinze com valor de R\$191.965,00 (cento e noventa e um reais e novecentos e sessenta e cinco centavos), executado por vinte e quatro mulheres que, mesmo em meio aos conflitos de gestão e aumento da matéria prima, foi executado.

A presidente da associação elenca a união do grupo como um fator importante para se manter o empreendimento “ *eu acho que para manter, para funcionar tem que ter o empenho do grupo todo e nosso grupo não é todo mundo que mostra aquela força de vontade, por que o maquinário ta todo lá*”.

As condições físicas necessárias para o funcionamento de um grupo de economia solidária nem sempre são garantia de sucesso, além do espaço os membros precisam sentir-se pertença deste coletivo e, a partir da fala da presidente, não está acontecendo um pertencimento, envolvimento de todo o grupo mesmo diante de uma cozinha que oferece qualidades mínimas exigidas para funcionamento.

O processamento da raiz, em todos os empreendimentos aqui citados, é feito de maneira similar, em casas de farinha familiares ou comunitárias e deste resulta a produção de farinha e tapioca (polvilho) o que dá origem a outros produtos como biscoitos, bolos, bolachas, sorvetes, avoador e pizzas. Nas comunidades encontram-se dois tipos de biscoitos derivados da tapioca, os tradicionais e os com sabores. Os primeiros são produzidos com tapioca, ovos, açúcar, óleo, margarina, sal, fermento e trigo. Os segundos além dos ingredientes tradicionais são adicionados sabores como: maracujá, limão, chocolate, coco, goiabada e cebola e a fabricação de beijus de massa e tapioca.

A maior parte do processamento é feita de forma manual e conta apenas com ajuda de liquidificadores e batedeiras na fabricação de alguns biscoitos ou bolos.

As figuras abaixo mostram produtos fabricados na cozinha de Quixaba e Boca da Mata.

Fig. 4 - Biscoito de maracujá produzido na comunidade de Quixaba



Fig. 5 - Biscoito “flor do campo” produzido na comunidade de Quixaba



Fig. 6 - Biscoito polvilho produzido na comunidade de Quixaba



Fig. 7 - Biscoito de vários sabores produzido na comunidade de Quixaba



Fig. 8 - Biscoito de coco e bolo de aipim (mandioca) produzido na comunidade de Boca da Mata



Fig. – 9 Biscoito de polvilho produzido na comunidade de Boca da Mata



Fonte: Autora (2018)

Apesar de fabricação de biscoitos e bolos, a cozinha de Boca da Boca da Mata, também, dedica-se à produção de beijú, como mostra as imagens abaixo.

Fig. 10 - Peneiramento da tapioca



Fig. 11 - Preparo do forno



Fig. 12 - Assamento dos beijus



Fig. 13 - Resfriamento



Fig. 14 - Pronto para embalagem



Fig. - 15 Resultado da produção



Fonte: Autora (2018)

A colheita da mandioca acontece praticamente o ano inteiro, para uso na própria alimentação das famílias e comercialização dos produtos, que acontece através de programas do Governo Estadual e Federal o PAA e o PNAE, além de serem entregues em alguns mercadinhos no município, nas feiras livres e via encomendas.

Durante a pesquisa percebeu-se que, apesar de alguns números apresentados, é impossível uma precisão das rendas geradas pelos empreendimentos, pela existência de fatores que interferem na produção, tais como: a seca, o aumento do preço de produtos essenciais na fabricação, esvaziamento dos grupos, ausência de políticas públicas etc. tais aspectos acabam por, diretamente, influenciar na receita anual das Cozinhas.

CONCLUSÃO

A Economia Solidária vem ganhando espaço no município. A partir de 2010, com a chegada de alguns cursos oferecidos pelo Sebrae, passa a ser vista como uma opção viável em enfrentamento aos moldes de economia capitalista, com proposta de empreendimento auto gerenciado de cunho democrático, porém encontra dificuldades de inserção dos produtos no mercado e com a desvalorização na sociedade, principalmente junto aos órgãos do governo, pois mesmo quando oferece projetos os grupos acabam sendo barradas pela burocratização.

Em sua essência a ES apresenta proposta de suplantação a economia capitalista, tendo como objetivo a construção da pequena empresa comunitária, na busca para superar as desigualdades do mercado de trabalho, através de cooperativas, associações e grupos informais no campo, atrelados a agricultura familiar. Nascidas através das demandas dos próprios trabalhadores, e por estar alicerçado em um cunho social, busca proporcionar ao trabalhador carente (à margem do trabalho formal) uma melhoria de vida, através da sustentabilidade econômica, ambiental e social.

A troca de experiências, a captação de parcerias através de intercâmbio entre os grupos, tem proporcionado o fortalecimento na busca por resistência diante as inúmeras dificuldades. A colaboração entre os empreendimentos e a aproximação destes tem ajudado mantê-los, mesmo diante as dificuldades. Hoje dois grupos buscam se estruturar e, espelhado neles, demais comunidades no município tem buscado constituir novos grupos de economia solidária.

Mesmo diante aos obstáculos, o trabalho nos grupos tem buscado promover a emancipação econômico-social e o bem-estar coletivo dos seus membros, mesmo que não tenha, até o momento, se tornado um caminho efetivamente, estável e satisfatório para contemplar todos. Os grupos têm buscado a estabilidade e independência, porém marcado por atritos e dificuldades devido às relações interpessoais e financeiras.

Há um indicativo diante dos resultados que o trabalho nos molde da economia solidária, nos grupos, apesar de limitada, tem suscitado mudanças na vida das mulheres, mesmo aquelas que precisaram se afastar por questões diversas, percebidas principalmente na vontade da maioria em retomar as atividades, mostrando que, mesmo com atritos de ideias, o conceito do trabalho em conjunto está aflorado nos corações das mulheres. Na perspectiva social os impulsos gerados pela formação dos grupos oportunizaram bem-estar recíproco e fortalecimento dos laços comunitários. Mesmo diante a insegurança e até o fechamento de um dos grupos, instabilidade, se enfrenta das dificuldades relacionadas à gestão coletiva e

financeira, ainda assim, essa atividade tem possibilitado até o dado momento, mais autonomia, oportunidade de trabalho.

Apesar de ser uma opção de produção que busca a inclusão financeira, social e econômica, não tem assegurado a estabilidade aos grupos, fazendo com que haja uma evasão e, conseqüentemente, uma queda drástica na produção em todos os grupos. A forma como vem sendo trabalhada a ES dentro dos grupos não tem contemplado as necessidades básicas em relação à emancipação financeira e das próprias participantes, havendo um grande estrangulamento da produção e vários gargalos têm impedido tal autonomia, com destaque: falta de apoio da gestão pública, seca e a falta de união.

É importante a implementação de políticas públicas que fomentem o desenvolvimento destes empreendimentos, na qual a seca, o desemprego e o esvaziamento das comunidades vêm acontecendo, devido à busca por melhores condições de vida ou até mesmo pelo fechamento das escolas que tem sido frequente, sendo válida uma iniciativa que ofereça um modelo de economia que tem por estratégia a inclusão econômica e social, e apresenta potencial para que haja um desenvolvimento local.

As mulheres visam empoderamento a partir da organização das associações e do fortalecimento dentro da comunidade, buscando ser protagonistas de seus próprios destinos, gerenciando seus próprios assuntos, sua própria vida, buscando modificar e controlar seus destinos quando se auto afirmam possuidoras de capacidades, habilidade e competência para produzir, criar e gerir empreendimentos. Na busca por quebrar a visão patriarcalista de que à mulher cabe apenas o papel de provedoras do bem-estar da família, mãe e esposa dedicada, e apresentam-se como seres autônomos que possui suas próprias demandas.

Por fim, os desafios apresentados são muitos, mas fazem parte de uma realidade dinâmica e em constante transformação, salientando que as organizações aqui elencadas têm contribuído para elevar a autoestima das mulheres envolvidas e suscitado em outras o desejo de formarem grupos semelhantes.

REFERÊNCIAS

ARROYO & SCHUCH, João & Flávio. **Economia popular e solidária: a alavanca para um desenvolvimento sustentável**. 1. ed. Fundação Perseu Abramo. 111 p. (Coleção Brasil Urgente). Disponível em: <www.acervopaulofreire.org>. Acesso em: 15 jul. 2017.

BRANCO, Pércio de Moraes. **Espeleologia: o estudo das cavernas**. Disponível em: <<http://www.cprm.gov.br/publique/Redes-Institucionais/Rede-de-Bibliotecas---Rede-Ametista/Canal-Escola/Espeleologia%3A-o-estudo-das-cavernas-1278.html>>. Acesso em: 10 Jan. 2019.

BUTTO, Andrea; DANTAS, Isolda. **Autonomia e cidadania: políticas de organização produtiva para as mulheres no meio rural**. orgs. – Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2011. 192 p.

CISNE, Mirla. **Gênero, Divisão Sexual do Trabalho e Serviço Social**. 1. ed. São Paulo: outras expressões, 2012. 144 p.

COSTA, Jussara Carneiro. **Mulheres e economia solidária: tempo para discutir relação! Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 19-27, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=70320084003>>. Acesso em: 24 set. 2017.

CUNHA, Léa. **Mandioca ajuda a diminuir pobreza no campo**. Associação Brasileira dos Produtores de Amido de Mandioca (ABAM). Disponível em: <[HTTP//www.abam.com.br](http://www.abam.com.br)>. Acesso em: 3 jan. 2016.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FORTE, Joannes Paulus Silva; GONCALVES, Alícia Ferreira. **A Cáritas brasileira e a Economia Popular Solidária: O Agente de Cáritas e a Caridade Libertadora (Brazilian Caritas and the Popular Solidarity Economy: The Agent of Caritas and the Charity Liberating)** - DOI: 10.5752/P.2175-5841.2013v11n32p1506. HORIZONTE: REVISTA DE ESTUDOS DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO (ONLINE), v. 11, p. 1506-1524, 2013. Acesso em 09 dez. 2019. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/viewFile/P.2175-5841.2013v11n32p1506/5851>>.

GIL, Antônio. **Como Elaborar Projetos de Pesquisas**: 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 176 p.

GONÇALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

GUÉRIN, Isabelle. **As mulheres e a Economia Solidária**. Tradução Tradução Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 2005.

HERK, Andréa Costa Van. **Gênero e Economia Solidária: Um Olhar Sobre a Participação e Atuação das Mulheres nas Organizações de Terceiro Setor.** Sistema de biblioteca da UFU - Minas Gerais, f. 188, 2011. 189 p. Dissertação (Programa de Pós- Graduação em Economia) - UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. Disponível em: <<https://www.bibliotecas.ufu.br/tags/teses-e-dissertacoes>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

HERMOGENS, Flávio. **Mandiocultura Oportunidades de Pequenos “Negócios”:** Mandiocultura no mundo e no Brasil. sbmandioca.org. 2014. 2 p. Disponível em: <<http://www.sbmandioca.org>>. Acesso em: 3 jan. 2016.

IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA). censo agropecuário 2006: **Estados e temas.** Ibge cidades. 2006. Disponível em: <WWW.ibge.gov.br>. Acesso em: 23 jan. 2016.

IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA). Estados e Temas: Censo agropecuário 2006. **IBGE estados e cidades.** 2007. Disponível em: <WWW.ibge.gov.br>. Acesso em: 23 jan. 2016.

LECHAT, Noëlle Marie Paule. As Raízes **Históricas da Economia Solidária e Seu Aparecimento no Brasil.** In Eronita Silva Barcelos, Pedro Carlos Rasia, Enio Waldir da Silva (Orgs.) - Ijuí:Ed.Unijui, 2010. - 392 p.- (Coleção Ciências Sociais).

LAVILLE, Jean-Louis. **L'économie solidaire.** Paris: Desclée de Brouwer, 1994.

LIMA, Romário M.. **PERFIL SOCIOECONOMICO DOS PRODUTORES RURAIS DO ASSENTAMENTO FLEIXEIRINHAS, EM FLEIXEIRAS, ALAGOAS.** Rio Largo- Alagoas, f. 41. 40 p. Trabalho de Conclusão de Curso (CURSO DE AGRONOMIA) - UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS , 2010. Disponível em: <<http://www.ufal.edu.br/unidadeacademica/ceca/pt-br/graduacao/agronomia/documentos/tcc/tcc-2010/Romario%20M.%20de%20Lima.pdf>>. Acesso em: 14 mai. 2017.

MARCONI & LAKATOS, Marina; Eva;. **Metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. Disponível em: <<https://formacademicospe.wordpress.com/2017/03/27/6-livros-de-metodologia-para-download/>>. Acesso em: 30 jan. 2018.

MARCONI & LAKATOS, Marina; Eva. **Técnicas de pesquisa:** planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação dos dados. 3. ed. São Paulo: Atlas , 1996. Disponível em: <<https://formacademicospe.wordpress.com/2017/03/27/6-livros-de-metodologia-para-download/>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

MENEGON E CENCI, Carolina & Daniel. **As Potencialidades da Economia Solidária Para a Transformação nas Relações de Gênero .** In: COLOQUIO INTERNACIONAL, ECONOMIA SOCIAL Y SOLIDÁRIA. 2015, Université Blaise Pascal – Mendoza . 14 p. Disponível em: <http://www.socioeco.org/bdf_fiche-document-3946_pt.html>. Acesso em: 30 nov. 2016.

MUNARIM, Aquiles. **Secretaria Nacional de Economia Solidária – SENAES: superação do capitalismo?**. Florianópolis . 56 p. Monografia (Curso de Graduação em Ciências Econômicas) - Universidade Federal de Santa Catarina(UFSC), 2007. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/7556387-Secretaria-nacional-de-economia-solidaria-senaes-superacao-do-capitalismo.html>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

PACHECO, Maria Emília Lisboa. **Mulheres Construindo a Agroecologia: Os Caminhos das Mudanças na Construção da Agroecologia pelas Mulheres**. Revista Agricultoras: **experiência em Agroecologia**, v. 6, n. 4, p. 52, dezembro 2009. (corresponde ao v. 25, n. 3 da Revista Leisa).

PANDELÓ, Fernando. **SOCIALISMO, COOPERATIVISMO E ECONOMIA SOLIDÁRIA NO PENSAMENTO DE PAUL SINGER**. São Paulo. 158 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.livrosgratis.com.br/efile:///F:Paul%20Singer%20.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2016.

PEDUZZI, P. **Produção da mandioca gera 10 milhões de empregos diretos e indiretos**. Disponível em: < <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2009-03-01/producao-da-mandioca-gera-10-milhoes-de-empregos-diretos-e-indiretos>>. Acesso em: 12 jan. 2019.

PINHEIRO, Lorena. **MARCAS DA FRAGILIDADE NA PROTEÇÃO SOCIAL: Mulheres inseridas no programa de corte e costura no CRAS - Cachoeira**. Cachoeira- Ba. 68 p. Trabalho de Conclusão de Curso (curso de Bacharelado em Serviço Social) - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA, 2012. Disponível em: <<https://ufrb.edu.br/servicosocial/tccs>>. Acesso em: 4 jul. 2017.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

SCOTT, Joan Wallach. A mulher trabalhadora. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michèle. História das mulheres: o século XIX. São Paulo: Afrontamento, 1991.

SENA, Maria. **A participação das Mulheres e sua Importância nos Segmentos da Cadeia Produtiva da Mandioca**. In: BAHIA AGRI, 3. 2003. 5. ed. Anais eletrônicos... Cruz das Almas : Embrapa, 2003. 7 p. Disponível em: <WWW.embrapa.br >. Acesso em: 3 jan. 2016.

SEBRAE. **Programa de vitalização da mandioca**. Salvador: Sebrae – BA , 2003.

SENAES/MTE. Atlas da Economia solidária no Brasil 2007. **Economia Solidária**. Brasília, 2009. Disponível em: <<http://sies.mte.gov.br> >. Acesso em: 25 jul. 2016.

SILVA, Edna Lúcia da.; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: UFSC/ PPGEP/LED, 2000, 118 P.

SILVA, Antônio Coelho da. **Autogestão na Economia Solidária: metodologias e práticas na formação de atores sociais**. Natal, RN, 2015. 205f.: il. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Disponível em: <

https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/21920/1/LuizAntonioCoelhoDaSilva_TESE.pdf >. Acesso em: 30 mai. 2018.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

_____. **Aprender economia**. São Paulo, Contexto, 1999.

_____. **Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas**. São Paulo: Contexto, 2003.

SIQUEIRA, Ana Elizabeth S. S. de. **Empoderamento de Mulheres Agricultoras: possibilidades e limites de um projeto**. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, Ba, 2014. 250 p. Dissertação (Pós Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo do Núcleo de Estudo Interdisciplinar sobre a Mulher Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas). Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva: **A pesquisa Qualitativa em Educação**. In: **INTRODUÇÃO A PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAL**, São Paulo: Atlas, 1987.

ANEXO

Roteiro da Entrevista Semiestruturada

1-Faixa etária:

() 18 a 21 anos () 22 a 30 anos () 31 a 40 anos () 41 a 50 anos () 51 a 80 anos

Como produzem e o que produzem

- 2 - Qual a forma de produção?
- 3 - O que produzem de derivados da mandioca?
- 4 - Como vocês produzem os derivados da mandioca?
- 5 - Qual a forma de comercialização dos produtos?

Dificuldades e formas de enfrentamento:

- 6- Como está a produção de derivados da mandioca na comunidade?
- 7- Quais as dificuldades encontradas?
- 8 - Por que está acontecendo tais dificuldades?
- 9 - como estão enfrentando as dificuldades?
- 10 - Sempre houve as dificuldades ou já foi diferente?
- 11 - Porque antes era mais fácil ou mais difícil e hoje mudou?

Principais mudanças ocorridas desde a constituição dos grupos até dias atuais:

- 12- O que mudou de outros tempos para hoje?
- 13- São os preços pagos pelos produtos? é a seca? a falta de dinheiro, desemprego?..
- 14 - Como estas dificuldades estão afetando a vida de vocês mulheres?
- 15 - O que vocês acham que a associação deveria fazer para tentar resolver este problema?
- 16 - Como fazer?
- 17 - Porque esta ação ajudará na melhoria?
- 18 - Além da associação há outro órgão ou instituição que poderá ajudar?